



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,
APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO

HELTON MENÉZIO ROCHA

DISCURSO POLÊMICO EM VERBETES
DO DICIONÁRIO INFORMAL:
A UNIDADE LEXICAL “PIRIGUETE”

SÃO PAULO
2016

HELTON MENÉZIO ROCHA

**DISCURSO POLÊMICO EM VERBETES
DO *DICIONÁRIO INFORMAL*:
A UNIDADE LEXICAL “PIRIGUETE”**

Monografia apresentada à Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito final para conclusão da Pós-Graduação *Lato Sensu* (Especialização) em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Cassiano Butti

SÃO PAULO
2016

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Joaquim e Jacy,
e ao meu irmão, Willian,
pelo amor até nos mais simples gestos.

Aos meus avós paternos,
Juvenal (*In memoriam*) e Enedina,
pela alegria contagiante.

Aos meus avós maternos,
Bento e Anna (*In memoriam*),
pela bondade imensa.

Aos demais familiares e amigos,
pela convivência prazerosa.

À minha noiva, Camila,
cujo amor renovou-me a vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pela oportunidade de aprofundar minha formação acadêmica na PUC-SP.

Ao Prof. Me. Cassiano Butti, pelas sugestões que enriqueceram este trabalho e por ministrar as disciplinas *Estudo de gêneros em diferentes práticas sociais* e *Morfossintaxe*, sem a qual este trabalho não seria realizado.

Ao Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento, por compartilhar generosamente seu conhecimento, sua experiência e seu bom humor durante a disciplina *Texto e discurso: vertentes teórico-metodológicas*.

À Prof^a. Dr^a. Izilda Maria Nardocci, por ministrar a disciplina *História e historiografia da língua e das gramáticas do Português*. Com você, aprendi que o passado é fundamental para a compreensão da língua que falamos.

À Prof^a. Dr^a. Regina Sellan, por ministrar a disciplina *Fonética e fonologia da Língua Portuguesa*. Com você, aprendi a analisar o “português da gente” em seus aspectos fonético e fonológico.

À Prof^a. Dr^a. Karlene Campos, por ministrar a disciplina *Produção textual: fundamentos e ensino*. Obrigado por fundamentar teoricamente as atividades de produção textual.

À Prof^a. Dr^a. Marilena Zanon, por ministrar as disciplinas *Leitura: fundamentos e ensino* e *Metodologia do trabalho científico*. Obrigado por fundamentar teoricamente as atividades de leitura e por ensinar a elaborar o projeto de pesquisa que resultou neste trabalho.

À Prof^a. Dr^a. Maria Otília José Montessanti Mathias, por ensinar, em *Didática do ensino superior*, que o professor deve pautar sua prática nos problemas enfrentados pela sociedade. Este trabalho foi inspirado em sua disciplina.

Ao Prof. Dr. José Everaldo Nogueira Jr., por ministrar a disciplina *Gramática: fundamentos e ensino*. Com você, aprendi que a norma gramatical não existe para oprimir as pessoas, mas sim para ajudá-las nas mais diversas práticas sociais de comunicação.

À Prof^a. Dr^a. Nílvia Pantaleoni, por ministrar a disciplina *Oralidade e escrita: fundamentos e ensino*. Com você, aprendi a olhar para as sutilezas da fala.

À Prof^a. Dr^a. Ana Rosa Ferreira Dias, pelas atividades realizadas na coordenação do curso.

Aos colegas de turma, pelos momentos passados juntos, nos quais, além de aprender, diverti-me muito.

À minha família e à minha noiva, pelo amor e pela cumplicidade. Lembro aqui carinhosamente meu pai, que me deu carona inúmeras vezes, durante a madrugada, até o terminal rodoviário de Americana.

A todos, minha gratidão.

O público, qualquer que seja, tem uma representação ainda ingênua do dicionário. Pelo fato deste ser, antes de tudo, um instrumento de consulta, a definição goza de um estatuto particular: ela é sempre mais ou menos considerada como “boa”, “sem restrições de uso”, intercambiável de um dicionário a outro.

(Francine Mazière)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o discurso polêmico em verbetes da unidade lexical “piriguete” produzidos entre 2007 e 2008 no *Dicionário inFormal*. Considerando a relação entre língua, sujeito e história, o trabalho parte do pressuposto segundo o qual a língua está exposta ao equívoco, uma vez que o discurso move suas sistematicidades. Discute a especificidade do *Dicionário inFormal*, que não reforça a língua considerada padrão, mas rompe com ela, interpelando o falante a ocupar a posição de falante-lexicógrafo. Observa, quanto a isso, um deslocamento de sentidos sobre a língua, a leitura e a escrita desse instrumento linguístico, cujo espaço está relacionado às práticas comunicacionais na internet, onde as condições de comunicação são transformadas, assim como são transformadas também as noções de gênero textual e textualidade. Para analisar o discurso polêmico, toma os verbetes do *Dicionário inFormal* como objetos simbólicos e remete a unidade lexical “piriguete” às suas condições históricas de produção. Analisa, a partir de princípios teóricos defendidos em lexicologia (sinonímia, hiperonímia, significação primária e secundária, campos lexicais e definição), as relações do discurso polêmico com as formações discursivas e as relações constituídas entre as formações discursivas e a ideologia. Revela, por fim, a maneira como a unidade lexical “piriguete” designa a mulher, que nos verbetes é tomada como objeto de prazer sexual em uma sociedade na qual o homem ocupa o centro das relações sócio-econômicas e culturais.

Palavras-chave: *Dicionário inFormal* – lexicologia – discurso polêmico – análise de discurso

ABSTRACT

This paper aims to analyze the polemical discourse in the entries of lexical unit “piriguete” produced between 2007 and 2008 in the *Dicionário inFormal*. Considering the relationship between language, subject and history, it starts from the assumption according to which the language is exposed to misunderstanding, since the discourse moves its systematicity. It discusses the specificity of *Dicionário inFormal*, which does not reinforce the language standard, but breaks it and interpellates the speaker to hold the speaker-lexicographer position. It notes, in this regard, a displacement of language, reading and writing of this dictionary, whose space is related to communication practices on the Internet where the communication conditions are transformed, as well as the notion of gender textual and textuality. To analyze the polemical discourse, entries of the *Dicionário inFormal* are symbolic objects and the lexical unit “piriguete” is referred to its historical production conditions. It analyzes, from theoretical principles espoused in lexicology (synonym, hypernym, primary and secondary meaning, lexical fields and defining), the polemical discourse of relations with the discursive formations and the relationships established between the discursive formations and ideology. It reveals, finally, how the lexical unit “piriguete” means a woman who is taken in entries as an object of sexual pleasure in a society in which man occupies the center of socio-economic and cultural relations.

Keywords: *Dicionário inFormal* – lexicology – polemical discourse – discourse analysis

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. <i>DICIONÁRIO INFORMAL</i> : UM PRODUTO HISTÓRICO-SOCIAL	3
2.1 <i>Dicionário inFormal</i> e dicionários tradicionais	3
2.2 Pressupostos da lexicologia aplicados à lexicografia	6
2.3 Língua e discurso	9
3. DISCURSO POLÊMICO, LÚDICO E AUTORITÁRIO	13
3.1 Constituição do discurso	13
3.2 Tipologias do discurso	14
4. ANÁLISE DE DISCURSO	17
4.1 Princípios gerais	17
4.2 Procedimentos	20
5. EFEITOS DE SENTIDO NO <i>DICIONÁRIO INFORMAL</i>	23
5.1 Contextualização	23
5.2 Ano de publicação dos verbetes	25
5.3 Estrutura dos verbetes	28
5.4 Identificação e descrição da unidade lexical “piriguete”	42
5.4.1 Sinonímia e antonímia	42
5.4.2 Hiperonímia	48
5.4.3 Significação primária e secundária	51
5.4.4 Campos lexicais	53
5.4.5 A definição	57
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62

1. INTRODUÇÃO

O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.

(Michel Foucault)

Neste trabalho, analisaremos o discurso polêmico (ORLANDI, 1983) em verbetes da unidade lexical “piriguete” produzidos entre 2007 e 2008 no *Dicionário inFormal*. Para isso, consideraremos a relação entre língua, sujeito e história (NUNES, 2006).

Partiremos do pressuposto segundo o qual o funcionamento da língua “não é totalmente autônomo, mas sim permeado de falhas” (NUNES, 2006, p. 153). Em outras palavras, a “língua é afetada pelo discurso, que move suas sistematicidades” (NUNES, 2006, p. 153). Veremos que o *Dicionário inFormal* não reforça a língua considerada padrão. Na verdade, ele rompe com essa visão de língua, pois interpela o falante a ocupar a posição de falante-lexicógrafo (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014). Ao ocupar essa posição, o *Dicionário inFormal* constitui um “espaço para uma escrita criativa e reflexiva, uma escrita autoral, que desloca sentidos sobre a língua, e sobre a leitura e a escrita do dicionário” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p. 271).

No *Dicionário inFormal*, veremos que esse espaço onde a língua é escrita de forma criativa e reflexiva está relacionado às práticas comunicacionais na internet, que “transforma as condições de comunicação, o que se considera gênero, e a própria noção de textualidade” (MAINGUENEAU, 2010, p. 132). Em linhas gerais, o *Dicionário inFormal* integra textos, fotos e vídeos. Isso faz com que os seus verbetes sejam vistos como “iconotextos” (MAINGUENEAU, 2010, p. 136). O *Dicionário inFormal*, além disso, é composto por “páginas numa tela de computador” (MAINGUENEAU, 2010, p. 136). Portanto, sua textualidade encontra-se dentro da página eletrônica, onde o discurso subordina-se à imagem (MAINGUENEAU, 2010). Por conseguinte, essa textualidade “implica uma nova maneira de ler e a possibilidade de passar instantaneamente de uma ‘página’ para outra em um espaço aberto” (MAINGUENEAU, 2010, p. 137).

Para analisarmos o discurso polêmico (ORLANDI, 1983), tomaremos os verbetes do *Dicionário inFormal* como objetos simbólicos (ORLANDI, 1999). Iremos remeter a unidade lexical “piriguete” às suas condições históricas de produção. Com isso, objetivamos analisar, por um lado, as relações do discurso polêmico com as formações discursivas; por

outro lado, objetivamos analisar as relações constituídas entre as formações discursivas e a ideologia (ORLANDI, 1999).

2. DICIONÁRIO INFORMAL: UM PRODUTO HISTÓRICO-SOCIAL

[...] o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz.

(Eni Puccinelli Orlandi)

2.1 Dicionário *inFormal* e dicionários tradicionais

Ao tomarmos o *Dicionário inFormal* como objeto de análise linguística, iremos nos situar em uma posição teórica segundo a qual esse dicionário, assim como todos os outros, é um produto construído sociohistoricamente e, por essa razão, nele encontramos, “através das palavras, as relações de poder” presentes na sociedade (DIAS; BEZERRA, 2006, p. 31). Com essa afirmação inicial, queremos desde já explicitar nosso posicionamento em relação à linguagem. Em outras palavras, neste trabalho consideraremos o *Dicionário inFormal* não como um reforço da verdade, mas como um produto elaborado em uma perspectiva histórico-social (DIAS; BEZERRA, 2006).

Sendo assim, recusaremos aqui a perspectiva segundo a qual a linguagem é entendida como representação do mundo e do pensamento (KOCH, 1993). Isso porque ela apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, uma pessoa, segundo essa perspectiva, não se expressa bem porque não pensa (TRAVAGLIA, 1995). E, fazendo uma analogia à gramática, podemos dizer que esse posicionamento considera o dicionário tradicional¹ uma “espécie de lei que regula o uso da língua em uma sociedade” (TRAVAGLIA, 1995, p. 31). Nesse sentido, o dicionário tradicional possui uma função pedagógica, que se resume em consultas ortográficas e em “constatações da presença de uma determinada palavra ou de uma informação linguística nessa obra” (DIAS; BEZERRA, 2006, p. 30). Tal como a gramática, o dicionário tradicional constitui “as normas gramaticais do falar e escrever ‘bem’” (TRAVAGLIA, 1995, p. 21).

Como tentaremos mostrar, essa afirmação pode ser problematizada. Para o ponto de vista normativo, o bom uso da língua baseia-se no “uso consagrado pelos bons escritores” (TRAVAGLIA, 1995, p. 25). Sobre esse aspecto, deve-se notar que os argumentos mobilizados pelo ponto de vista normativo são de natureza estética, elitista (ou aristocrática),

¹ Lembramos aqui o *Dicionário de usos do português brasileiro* (BORBA, 2002), que, de acordo com Dias e Bezerra (2006, p. 32), não possui um caráter impositivo “em relação ao uso da língua portuguesa”, pois esse dicionário, baseado na linguística descritiva sincrônica, descreve a língua em sua organização e dá exemplos de usos efetivos da língua.

política, comunicacional e histórica (TRAVAGLIA, 1995). São de natureza estética porque se apóiam em critérios tais como: elegância, beleza e harmonia. Destaca-se aqui a influência da tradição latina, que considerava a gramática uma arte (WEEDWOOD, 2002). São de natureza elitista ou aristocrática porque se apóiam no “critério da autoridade”² e no “prestígio cultural de quem estabelece as regras de bom uso da língua” (TRAVAGLIA, 1995, p. 25). Por sua vez, os argumentos mobilizados pelo ponto de vista normativo são de natureza política porque objetivam reforçar a nacionalidade de um povo contra a influência estrangeira de outros povos. Finalmente, são de natureza comunicacional e histórica porque visam à “facilidade de compreensão” e à manutenção da tradição (TRAVAGLIA, 1995, p. 25).

No que diz respeito à enunciação, a perspectiva da qual nos afastamos toma o ato de enunciar como um “ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece” (TRAVAGLIA, 1995, p. 21). Pelo contrário, a linguagem estrutura-se a partir do pensamento, portanto “há regras a serem seguidas para a organização lógica do pensamento e, conseqüentemente, da linguagem” (TRAVAGLIA, 1995, p. 21).

Isso posto, consideraremos neste trabalho a relação entre língua, sujeito e história (NUNES, 2006). Tomaremos como unidade de análise o texto lexicográfico, mais especificamente, os verbetes da unidade lexical “pirigüete” produzidos entre 2007 e 2008 no *Dicionário inFormal*, e trabalharemos com as “relações de poder simbolizadas” (ORLANDI, 2006, p. 28). Investigaremos, por um lado, de que modo a relação dos falantes com a língua está representada no *Dicionário inFormal*. Por outro lado, dirigiremos nossa atenção para os verbetes da unidade lexical “pirigüete”. Nosso intuito, com isso, é analisarmos, a partir de Orlandi (1983), o discurso polêmico em textos lexicográficos.

De maneira geral, o falante, no *Dicionário inFormal*, torna-se um colaborador desse instrumento linguístico (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014). O seu saber encerra uma prática linguística isenta de julgamentos e correções. Ao contrário do dicionário tradicional, que segue “regras convencionais para organizar seus verbetes, incluindo formas de entrada, definições, abonações (exemplos retirados de situações de uso da língua), informações gramaticais e outras” (DIAS; BEZERRA, 2006, p. 30), o *Dicionário inFormal*, segundo Elias de Oliveira (2014, p. 270), configura-se como

² A respeito da discussão sobre o autor, remetemos o leitor a Foucault (1971, p. 26), que o considera um “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”.

uma proposta inovadora de leitura do texto lexicográfico, e de sua escrita também. Uma proposta que possibilita outro lugar para o falante na sua relação com a língua, que já não vem mais pronta nem descrita por alguém que detém um saber que ele (falante) não detém, mas que pode também ser interpretada e descrita por ele, num gesto de reflexão sobre sua própria prática linguística ou a de outros falantes.

Dito de outra forma, o falante, no *Dicionário inFormal*, é convidado a “ocupar um lugar antes destinado aos estudiosos da língua” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p. 263). O falante é convidado a ocupar a posição de falante-lexicógrafo (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014). Ao ocupar essa posição, tem-se, no *Dicionário inFormal*, um “espaço para uma escrita criativa e reflexiva, uma escrita autoral, que desloca sentidos sobre a língua, e sobre a leitura e a escrita do dicionário” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p. 271). Nesse sentido, o *Dicionário inFormal* não é tomado pelo falante como um instrumento linguístico de cunho normativo e pedagógico.

Pelo contrário, no *Dicionário inFormal* a reversibilidade entre os interlocutores³, isto é, a possibilidade de o locutor-x ler a definição y do locutor-z e criar a sua própria definição da unidade lexical “piriguete” faz desse instrumento linguístico um observatório interessante da sociedade brasileira, no que diz respeito à relação do falante com a língua, pois, como veremos, os falantes-lexicógrafos, nos verbetes da unidade lexical “piriguete” produzidos entre 2007 e 2008, dirigem o objeto do discurso “sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes que procuram lhe dar uma direção, sendo que a polissemia é controlada” (ORLANDI, 1983, p. 154).

Em contrapartida, o dicionário tradicional caracteriza-se como um instrumento linguístico que apresenta um saber consolidado e estável sobre a língua (DIAS; BEZERRA, 2006). Ele é um instrumento linguístico fruto do processo de gramatização, ou seja, fruto do “processo que conduz a descrição de uma língua na base de uma gramática e de um dicionário, considerados como fundamentais para nosso conhecimento metalingüístico”⁴ (DIAS; BEZERRA, 2006, p. 13 [grifos dos autores]). Para isso, o dicionário tradicional busca atender a dois critérios: o da completude e o da normatização (DIAS; BEZERRA, 2006). O critério da completude diz respeito à idéia de unidade e representabilidade da língua. Por sua vez, a normatização diz respeito à determinação tanto das formas quanto dos usos linguísticos aceitáveis na sociedade por grupos sociais de prestígio (DIAS; BEZERRA, 2006).

³ A expressão “reversibilidade entre os interlocutores”, assim como sua definição, foi retirada de Elias de Oliveira (2014, p. 271).

⁴ O conceito de gramatização é retirado de Auroux (1992, p. 65 [grifos do autor]), que por ele entende o “processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário”.

Os efeitos da determinação normativa sobre os falantes são muito importantes. Segundo Dias e Bezerra (2006, p. 31), o fato de o dicionário tradicional caracterizar-se por sua função normativa “impede seus usuários de vê-lo como obra construída segundo um imaginário que reflete uma concepção de mundo de seus autores”, pois a representação de um saber consolidado e estável sobre a língua projeta essa mesma língua como sendo dominável pelo dicionário tradicional.

Como dissemos, o dicionário tradicional pressupõe uma unidade da língua e uma diretriz pedagógica, fruto do caráter normativo desse instrumento linguístico. Na realidade, esse saber consolidado e estável é uma projeção imaginária que “reflete uma concepção de mundo de seus autores” (DIAS; BEZERRA, 2006, p. 31). Já o *Dicionário inFormal*, como mostraremos neste trabalho, rompe com a visão de língua consolidada e estável.

2.2 Pressupostos da lexicologia aplicados à lexicografia

De acordo com Nunes (2006, p. 149), a lexicologia “identifica e descreve as unidades lexicais, enquanto a lexicografia desenvolve métodos e técnicas para produzir dicionários.” Essas duas disciplinas oferecem meios para a produção de conhecimento sobre a língua. A lexicologia, segundo Nunes (2006, p. 150), “estabelece critérios de identificação das unidades lexicais, os quais podem ser fonológicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos”. Trata-se de um trabalho na “fronteira com uma ou outra dessas áreas de saber” (NUNES, 2006, p. 150). Já a lexicografia, atuando na produção de dicionários, trata-se de um saber prático (NUNES, 2006).

Considerando que a língua, no *Dicionário inFormal*, não é representada como consolidada e estável, tampouco descrita por um especialista detentor de um saber que o falante não detém, “mas que pode também ser interpretada e descrita por ele, num gesto de reflexão sobre sua própria prática linguística ou a de outros falantes” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p. 270), explicitaremos agora os pressupostos da lexicologia com os quais operaremos neste trabalho.

Para a análise da unidade lexical “piriguete” em verbetes do *Dicionário inFormal* produzidos entre 2007 e 2008, partiremos do pressuposto segundo o qual o funcionamento da língua “não é totalmente autônomo, mas sim permeado de falhas, reajustes, reestruturações.

Isso porque a língua é afetada pelo discurso, que move suas sistematicidades” (NUNES, 2006, p. 153).

Nesse sentido, inscrevemo-nos em uma semântica discursiva e objetivamos, com esse gesto, remeter a unidade lexical “pirigute” às suas condições históricas de produção. Para tal, o *Dicionário inFormal* é um fato social, histórico e ideológico (NUNES, 2006). Ele se formaliza como uma instância cujos sentidos são constituídos por sujeitos para sujeitos, conforme palavras de Nunes (2006, p. 152):

O fato lexical é um fato social e, assim sendo, está sujeito às forças sociais, que permeiam as relações entre os sujeitos. Na articulação com o discurso, a descrição linguística atenta para esse fato, levando em consideração que as mesmas palavras podem ter sentidos diferentes, conforme as posições sustentadas pelos sujeitos. Assim, a polissemia e a contradição estão intrinsecamente ligadas à descrição linguística.

Tendo isso em consideração, será importante definirmos com quais elementos de análise operaremos neste trabalho. Recorreremos à lexicologia, que, como dissemos, “estabelece critérios de identificação das unidades lexicais, os quais podem ser fonológicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos” (NUNES, 2006, p. 150). Mais especificamente: para compreendermos o funcionamento da unidade lexical “pirigute”, iremos nos valer de alguns princípios teóricos⁵ defendidos em lexicologia, a saber: a sinonímia, a hiperonímia, a significação primária e secundária, os campos lexicais e a definição (NUNES, 2006).

De acordo com Nunes (2006, p. 154), a sinonímia⁶ é “estabelecida por meio de relações na horizontalidade da língua, remetendo-se uma unidade a outra e atribuindo-se traços de identidade e de diferença”. A identidade e a diferença, portanto, caracterizam a sinonímia, que ocorre “na tensão entre paráfrase e polissemia” (NUNES, 2006, p. 153). Nesse sentido, a sinonímia nos conduz a duas imagens de língua. A primeira é chamada de “justeza” e a segunda, de “abundância” (NUNES, 2006, p. 154). Esta é responsável por uma “profusão de sinônimos” e, conseqüentemente, tem-se a imagem de uma língua cujo léxico é abundante (NUNES, 2006, p. 154). Já a imagem de justeza corresponde à ideia de que se está diante de uma língua cujo léxico é conciso, “em que as palavras são medidas e as diferenças explicitadas” (NUNES, 2006, p. 154).

A hiperonímia, por sua vez, constitui-se nas “relações de hierarquia e dominação” (NUNES, 2006, p. 155). Para esse autor (2006, p. 155), a hiperonímia “trabalha as relações de

⁵ Uma introdução aos elementos que constituem as relações de sentido encontra-se em Guimarães (2006), que discute a homonímia, a sinonímia (ou paráfrase), a antonímia, a ambiguidade e a polissemia.

⁶ A sinonímia, grosso modo, refere-se ao mesmo sentido atribuído a duas frases (GUIMARÃES, 2006). Aqui, a palavra “frases” é usada em uma acepção geral.

verticalidade da língua, ligando unidades a conjuntos e estabelecendo dominâncias e subordinações”. Por significação primária e secundária entende-se, respectivamente, o sentido próprio (o sentido concreto, a denotação) e o sentido figurado (o sentido abstrato, a conotação) (NUNES, 2006).

Abordar o campo lexical, tendo como referência uma semântica discursiva, “pressupõe a existência da polissemia⁷, das contradições, das ambigüidades, dos efeitos de sustentação e de silenciamento⁸, enfim, de tudo aquilo que caracteriza o campo lexical como uma série de fatos sociais” (NUNES, 2006, p. 156). Para os propósitos deste trabalho, iremos nos voltar para as condições enunciativas dos verbetes selecionados para compor nosso objeto, de modo a apreender como as relações lexicais da palavra “pirigüete” são constituídas e determinam as fronteiras dos campos lexicais (NUNES, 2006).

Por último, iremos nos voltar para a definição, que será vista como “uma paráfrase das unidades lexicais” linguisticamente textualizada sob a forma de um “sintagma nominal mais ou menos estendido” (NUNES, 2006, p. 157).

Considerando, pois, a sinonímia, a hiperonímia, a significação primária e secundária, os campos lexicais e a definição (NUNES, 2006), a descrição linguística tomará a relação entre língua (léxico), sujeito (sintaxe) e história (enunciação) (NUNES, 2006).

Como dissemos, o fato lexical é um fato social (NUNES, 2006). Sendo assim, neste trabalho articularemos léxico e história a partir da relação língua-discurso (NUNES, 2006). Com isso, objetivamos ter em vista a “dinâmica do léxico, seus movimentos e deslocamentos” no texto lexicográfico. Isso porque, segundo Nunes (2006, p. 158), as

mudanças lexicais estão relacionadas com as transformações dos estados discursivos em determinadas conjunturas. A estabilização das relações e dos campos lexicais só é possível quando se admite uma autonomia relativa da língua. Já as instabilidades, os movimentos de fronteira, os deslocamentos dos campos lexicais são marcados pelo contato do léxico com a história, no qual se dá a desestabilização e a reorganização do funcionamento linguístico.

No item a seguir, passaremos à discussão dos pressupostos teóricos que nos permitirão ter em vista a dinâmica da unidade lexical “pirigüete” a partir da relação língua-discurso.

⁷ Por polissemia entende-se a “multiplicidade de sentidos de uma mesma frase” (GUIMARÃES, 2006, p. 120). A polissemia revela que o “sentido de uma frase não tem a ver só com sua estrutura, tem a ver com a história dos sentidos da própria frase, com outros sentidos de outras frases, com a relação das frases com as coisas sobre as quais se fala” (GUIMARÃES, 2006, p. 120).

⁸ Para o estudo do silêncio na linguagem, remetemos o leitor a Orlandi (1992), que distingue o silêncio fundador e a política do silêncio. De acordo com Orlandi (1992), a política do silêncio divide-se em silêncio constitutivo e silêncio local.

2.3 Língua e discurso

Antes de abordarmos o discurso polêmico, o lúdico e o autoritário (ORLANDI, 1983), tomaremos a discussão de Indursky (2006) sobre a categoria texto, que nos servirá de ponto de partida para pensarmos o discurso polêmico nos verbetes a serem analisados. Desse modo, ao falarmos sobre o surgimento do texto na época clássica, sobre o seu declínio quando da passagem do latim para as línguas neolatinas e sobre a constituição da linguística como ciência autônoma em Saussure (1916), discutiremos brevemente o caráter ideológico do signo linguístico no pensamento de Bakhtin (1929).⁹

Começamos com o pré-construído¹⁰ da categoria texto. Ele se resume ao texto empírico, a uma realização verbal que deve possuir clareza, começo, meio e fim. Essa formulação do texto, segundo Indursky (2006), tem como discurso fundador Quintiliano, cuja reflexão coloca o texto como possuindo unidade e abertura. A unidade do texto ocorre pela escolha dos argumentos, pela colocação dos argumentos em palavras e pela colocação das palavras em ordem, a qual resulta num todo organizado. Quanto à abertura do texto, esta se refere à sua composição, cujo aspecto é menos acabado, uma vez que o texto, de acordo com Indursky (2006), é para Quintiliano um objeto da oratória, da filosofia e da gramática. Quintiliano ainda divide a gramática em duas partes, a escrita e a fala. As regras da escrita estão amparadas pelos autores clássicos e combinam-se com as regras da fala, que, de acordo com a retórica, objetiva convencer. Daí o interesse pelo texto na cultura latina¹¹: ele é o modelo para falar corretamente.

A passagem da língua latina para as línguas neolatinas, de acordo com Indursky (2006), reflete uma nova conjuntura política, econômica e linguística. Sobre essa nova conjuntura, diz Auroux (1992, p. 53 [grifos do autor]):

⁹ Para uma introdução ao pensamento de Bakhtin, remetemos o leitor a Weedwood (2002), Brait (2005; 2006) e Fiorin (2006).

¹⁰ Brandão (1991, p. 109) define o pré-construído como o “elemento produzido em outro(s) discurso(s), anterior ao discurso em estudo, independentemente dele”. Segundo a autora (1991, p. 109), todo “discurso mantém uma relação essencial com elementos pré-construídos”.

¹¹ Na tradição ocidental, o texto torna-se primeiramente objeto de reflexão na cultura grega (MARCUSCHI, 2008). Essa reflexão inicia-se com Platão e torna-se “mais sistemática” com Aristóteles, a partir de sua teoria sobre a natureza do discurso deliberativo, judiciário e epidítico (MARCUSCHI, 2008, p. 147-148). Além desses três gêneros do discurso retórico, Aristóteles discutiu três gêneros ligados à literatura: a epopeia, a tragédia e a comédia (MARCUSCHI, 2008).

A constituição das nações europeias corresponde a uma profunda transformação das relações sociais (nascimento do capital mercantil, urbanização, mobilidade social, extensão das relações comerciais etc.), inclusive em seus aspectos religiosos (Reforma (1517) e Contra-Reforma). A expansão das nações acarreta indiscutivelmente uma situação de luta entre elas, o que se traduz, ao final, por uma concorrência, reforçada porque institucionalizada, entre as línguas. A velha correspondência *uma língua, uma nação*, tomando valor não mais pelo passado mas pelo futuro, adquire um novo sentido: as nações transformadas, quando puderam, em Estados, estes vão fazer da aprendizagem e do uso de *uma* língua oficial uma obrigação para os cidadãos.

Nesse contexto, a gramática distancia-se da oratória e da retórica e pauta-se na descrição das línguas neolatinas a partir dos sons, das letras, da composição silábica, das palavras e das diferentes categorias gramaticais (INDURSKY, 2006). O texto desaparece das gramáticas, as quais passam a estudar a frase e o período. De maneira geral, isso ocorre porque, segundo Indursky (2006), o texto passa a ser entendido como um encadeamento de frases bem formuladas.

Com a instituição da linguística como ciência autônoma no início do século XX, a categoria texto é posta no âmbito da fala. Saussure (1916, p. 92 [grifo do autor]), ao dizer que a língua é a “linguagem menos a *fala*”, coloca novamente o texto em segundo plano. A língua, que se estende, segundo Saussure (1916), até a frase, é um fenômeno social e passível de descrição, enquanto a fala é individual e marcada pelo idiossincrático. Em consequência disso, a língua é entendida como um “sistema linguístico” que “designa a totalidade de regularidades e padrões de formação que subjazem aos enunciados de uma língua” (WEEDWOOD, 2002, p. 127). Nas palavras de Saussure (1916, p. 17), a língua

não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Cabe à linguística proposta por Saussure¹² (1916), portanto, estudar a língua, um sistema de signos no qual os elementos constituintes têm como contexto o próprio sistema e dele nunca se afastam. Mas o mesmo não se pode dizer sobre o texto, que está circunscrito não a um sistema, mas a um sujeito (INDURSKY, 2006). Em outras palavras, o texto é construído a partir de manifestações da língua, mas ele se encontra no âmbito da linguagem, que não está encerrada no interior de um sistema (INDURSKY, 2006).

¹² Para um maior esclarecimento sobre o pensamento de Saussure (1916), remetemos o leitor a Guimarães (1995, p. 19-20), que, objetivando analisar a constituição da semântica, discute o corte saussureano quando do estabelecimento da língua como objeto da linguística: a exclusão do referente (do mundo), do sujeito e da história.

De um lado, o objeto de estudo da linguística, para alguns linguistas, estende-se até a frase, que pode ser segmentada em palavras, morfemas, fonemas e merismas, que são os traços distintivos do fonema (BENVENISTE, 1966a). Nesses níveis – a saber: o sintático, o morfológico, o fonológico e o merismático – encontram-se as regras coercitivas que estruturam o sistema da língua¹³. Por outro lado, estudiosos da linguagem¹⁴ sinalizam a importância de analisar o que está para além da frase.

Lembremos aqui Bakhtin (1929), que se ateu a essa questão, afirmando que a linguística saussureana não se distingue da filologia¹⁵ tradicional. Ao contrário, a linguística saussureana, ao ignorar a “produção individual dos falantes (a *parole*) e ao se concentrar num construto teórico abstrato, homogêneo, impossível de verificação empírica (a *langue*, ou sistema, ou sincronia)”, reitera e perpetua os procedimentos da filologia tradicional (WEEDWOOD, 2006, p. 150 [grifos da autora]). Tendo isso em consideração, Bakhtin (1929, p. 79-90) opõe-se a essa corrente de pensamento, a qual chama de “objetivismo abstrato”. De acordo com Bakhtin, o importante “não é o *enunciado*, o *produto*, mas sim a *enunciação*, o *processo verbal*” (WEEDWOOD, 2002, p. 151 [grifos da autora]). Com esse gesto, Bakhtin (1929, p. 74-79) opõe-se também ao “subjetivismo idealista”, que considera a língua uma “atividade mental” (WEEDWOOD, 2006, p. 149). Opondo-se ao objetivismo abstrato e ao subjetivismo idealista, Bakhtin opõe-se às “tendências *universal* e *particular* de abordagem dos fenômenos linguísticos” (WEEDWOOD, 2006, p. 149 [grifos da autora]). Rejeitando essas duas tendências, Bakhtin enfatiza

precisamente a fala, a *parole*, a *enunciação*, e afirma sua natureza social, não individual: a *parole* está indissolivelmente ligada às condições de comunicação, que estão sempre ligadas às estruturas sociais. (WEEDWOOD, 2002, p. 152 [grifos da autora])

Em outras palavras, para Bakhtin a enunciação “é de natureza dialógica, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que todo falante tem um ‘horizonte social’” (WEEDWOOD, 2002, p. 153). Nesse sentido, a interação social é o princípio fundamental da língua, uma vez que “só existe língua onde houver possibilidade de interação

¹³ Uma discussão sobre a língua a partir do estruturalismo saussureano encontra-se em Fiorin (2002a) e Pietroforte (2002). Para uma introdução à fonética, remetemos o leitor a Massini-Cagliari e Cagliari (2000). Para uma introdução à fonologia, remetemos o leitor a Corbera Mori (2000). Para uma introdução à morfologia, remetemos o leitor a Sandalo (2000). Para uma introdução à sintaxe, remetemos o leitor a Berlinck, Augusto e Scher (2000).

¹⁴ Cf. BENVENISTE, E. (1974, 2006) O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

¹⁵ A filologia estuda o “desenvolvimento histórico das línguas tal como se manifesta em textos escritos e no contexto da literatura e da cultura associadas a eles” (WEEDWOOD, 2002, p. 10). Para uma introdução à filologia, remetemos o leitor a Bechara (2006).

social” (WEEDWOOD, 2002, p. 152). “Compreendida como uma réplica do diálogo social”, a enunciação é a “unidade de base da língua” (WEEDWOOD, 2002, p. 153).

O pensamento bakhtiniano tem sido decisivo para a linguística, pois ele nos permite tomar a enunciação como um lugar privilegiado para pensarmos a realidade da linguagem (BRANDÃO, 1991). Com Bakhtin (1929, p. 47), aprendemos que a ideologia reflete-se na língua, os signos linguísticos são a “arena onde se desenvolve a luta de classes”. Nas palavras de Brandão (1991, p. 9), a palavra, para Bakhtin, é o signo

ideológico por excelência, pois, produto da interação social, ela se caracteriza pela plurivalência. Por isso é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia; retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista daqueles que a empregam.

Como se pode ver, a língua, para Bakhtin, “não reside na mente do falante, nem é um sistema abstrato que paira acima das condições sociais” (WEEDWOOD, 2002, p. 152). Ela é um “trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes, é uma atividade social, é enunciação” (WEEDWOOD, 2002, p. 152). E, como a ideologia determina a língua, “a consciência (portanto, o pensamento), a ‘atividade mental’, que são condicionadas pela linguagem, são modeladas pela ideologia. A mente é um produto social” (WEEDWOOD, 2002, p. 153).

Estamos diante de uma realidade complexa, que se tornará efetivamente objeto de estudo a partir de 1960 sobretudo na França (BRANDÃO, 1991). A seguir, nos próximos dois capítulos, proporemos um brevíssimo percurso teórico sobre esse objeto de estudo – o discurso.

3. DISCURSO POLÊMICO, LÚDICO E AUTORITÁRIO

[...] *um enunciado absolutamente neutro é impossível.*

(Mikhail Bakhtin)

3.1 Constituição do discurso

De saída, lembremos que a constituição tanto do locutor quanto do destinatário, nos estudos discursivos, ocorre a partir de uma contradição (ORLANDI, 1983). Sendo cada um deles, “ao mesmo tempo, o seu ‘próprio’ e o ‘complemento’ do outro”, ambos se constituem “na bipolaridade contraditória daquilo que, por sua vez, constituem: o texto (o discurso) enquanto sua unidade” (ORLANDI, 1983, p. 150). Em outras palavras, quando consideramos o discurso, os “sujeitos da linguagem não são abstratos e ideais, mas estão mergulhados no social que os envolve, de onde deriva a contradição que os define” (ORLANDI, 1983, p. 150).

Estando, pois, locutor e destinatário inseridos no contexto histórico-social que os constitui contraditoriamente, pode-se dizer que a realidade fundamental da linguagem é a interação verbal (BAKHTIN, 1929). Nesse sentido, a “palavra é um ato de duas caras: está tão determinada por quem a emite como por aquele para quem é emitida” (ORLANDI, 1983, p. 150). Quando enunciada, a palavra é, antes de qualquer coisa, “produto de relação recíproca”, pois é “território partilhado pelo emissor e pelo receptor” (ORLANDI, 1983, p. 150). Nessa partilha, ocorre

tensão, confronto, reconhecimento e mesmo conflito na tomada da palavra. Há tensão entre o texto e o contexto (social, histórico-social). Há tensão entre interlocutores: tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações. E se há sentido em se falar em dois “eus” é no sentido de que há conflito na constituição dos sujeitos. (ORLANDI, 1983, p. 151)

Esse modo de pensar a palavra – e de pensar conseqüentemente a linguagem – remete-nos mais uma vez ao pensamento de Bakhtin (1979, p. 288), para quem a palavra, quando enunciada, “dirige-se a alguém, é suscitada por alguma coisa, tem algum objetivo, ou seja, é um elo real na cadeia da comunicação discursiva em determinado campo da atividade humana ou da vida”.

Com essa afirmação, encontramos-nos no que há de central em Bakhtin (1979, p. 298 [grifos do autor]), que se volta para o signo linguístico enquanto enunciado “pleno de

tonalidades dialógicas”. Segundo esse autor (1979, p. 289), todo “enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido”. As palavras não pertencem a ninguém, elas “em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (BAKHTIN, 1979, p. 290).

Ao considerarmos esses aspectos acerca da interação verbal enquanto atividade constituída pelo conflito entre locutor e destinatário, de acordo com o que vimos em Orlandi (1983), e enquanto atividade dialógica, de acordo com o que vimos em Bakhtin (1979), queremos apontar aqui a contribuição do pensamento de Orlandi (1983) para o desenvolvimento dos estudos discursivos. Essa contribuição se dá na medida em que Orlandi (1983) traz para a discussão justamente a tensão, o conflito, o confronto, entre os sujeitos, que se constituem um em relação ao outro (ORLANDI, 1983). Nas palavras de Orlandi (1983), a linguagem tem como fundamento o jogo entre o mesmo e o diferente, ou seja, a paráfrase e a polissemia. Dito de outra forma, a linguagem se estabelece na tensão entre paráfrase e polissemia (ORLANDI, 1983).

O discurso é um fenômeno social. O sujeito constitui-se a partir de uma ilusão subjetiva: ele produz linguagem e, ao mesmo tempo, é reproduzido por ela. Antes mesmo de empregar a palavra, “seu dizer nasce em outros discursos” (ORLANDI, 1983, p. 158). Nesse sentido, as “palavras, os textos, são partes de formações discursivas que, por sua vez, são partes de formações ideológicas” (ORLANDI, 1983, p. 158).

Tendo isso em consideração, Orlandi (1983) caracteriza três tipos de discurso: o discurso polêmico, o lúdico e o autoritário, os quais possuem uma função metodológica cuja interpretação ocorre a partir de uma versão forte e outra fraca (ORLANDI, 1983). Na primeira versão, é possível determinar com os três tipos de discurso as “condições de significação para qualquer discurso” (ORLANDI, 1983, p. 174). Na segunda versão, a tipologia proposta constituiria “umas das tipologias possíveis, em seu nível de generalização” (ORLANDI, 1983, p. 174).

Passemos agora à descrição dos três tipos de discurso mencionados.

3.2 Tipologias do discurso

Nas ciências da linguagem, são conhecidos os trabalhos de Benveniste (1966b) e Jakobson (1967) sobre a linguagem humana. O primeiro tratou dos limites da linguagem animal, quando comparada à linguagem humana, e chegou a importantes constatações sobre ambas. Uma delas é a constatação de que a linguagem animal carece de uma “ativa posição responsiva” – para usarmos aqui uma expressão de Bakhtin (1979, p. 271). Em outras palavras, Benveniste (1966b) diz que a linguagem humana caracteriza-se pelo diálogo, cuja condição é a vida em sociedade. Além disso, a linguagem humana propicia um “substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no espaço, o que é o típico do nosso simbolismo e o fundamento da tradição lingüística” (BENVENISTE, 1966b, p. 65). A linguagem animal não conhece essas duas características.

No que diz respeito ao trabalho de Jakobson (1967), destacamos, além dos fatores constitutivos de todo processo linguístico, isto é, de todo ato de comunicação verbal (remetente, destinatário, contexto, mensagem, contato e código), as funções da linguagem, a saber: função referencial, emotiva, conativa, fática, metalingüística e poética. A menção a esse trabalho se justifica na medida em que Jakobson (1967, p. 155) considera a língua representada por um “sistema de subcódigos relacionados entre si”. Em outras palavras, a língua, para Jakobson (1967, p. 155), “encerra diversos tipos simultâneos, cada um dos quais é caracterizado por uma função diferente”.

Procurando definir uma tipologia do discurso, Orlandi (1983) propõe uma reflexão que, a nosso ver, dialoga com Benveniste (1966b) e Jakobson (1967). Dialoga com esses dois autores na medida em que avança a discussão sobre a relação entre linguagem e sociedade, considerando a “linguagem em relação às suas condições de produção” (ORLANDI, 1983, p. 157). Para Orlandi (2006), a sociedade é constituída por sujeitos, os quais não são transparentes para si mesmos, pois o inconsciente os atravessa (ORLANDI, 2006). Além disso, segundo Orlandi (2006, p. 13), a “história tem sua materialidade: o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente”. Finalmente, nem a língua é transparente, pois “ela tem sua ordem marcada por uma sua materialidade que lhe é própria” (ORLANDI, 2006, p. 13).

Inserida nessa perspectiva, Orlandi (1983) propõe três tipos de discurso: o polêmico, o lúdico e o autoritário. Considera que a “noção de tipo não funciona como um porto-seguro”, isto é, não se deve, “uma vez estabelecida uma noção, endurecê-la categoricamente, estagná-la metodologicamente, perdendo assim a sua plasticidade, a sua provisoriidade, enquanto matéria de conhecimento” (ORLANDI, 1983, p. 156).

Segundo Orlandi (1983), o discurso polêmico procura a simetria; o autoritário, a assimetria; e o lúdico, por sua vez, não coloca o problema da simetria nem o problema da assimetria. Orlandi (1983, p. 155-156) diz também que

esses tipos de discurso [polêmico, lúdico e autoritário] não têm de existir necessariamente de forma pura. Há mistura de tipos e, além disso, há um jogo de dominância entre eles que deve ser observado em cada prática discursiva.

Uma vez que o fundamento da linguagem constitui-se no jogo entre o mesmo e o diferente, isto é, pela paráfrase e pela polissemia, a linguagem se estabelece na tensão entre elas (ORLANDI, 1983). No discurso polêmico, há um equilíbrio entre paráfrase e polissemia. Isso porque, de acordo com Orlandi (1983, p. 154), o discurso polêmico caracteriza-se por uma reversibilidade entre os interlocutores, reversibilidade essa que

se dá sob certas condições e em que o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes que procuram lhe dar uma direção, sendo que a polissemia é controlada. O exagero é a injúria. (ORLANDI, 1983, p. 154)

O discurso polêmico, assim, distingue-se do discurso lúdico e do autoritário. Neste, a polissemia está contida, o objeto do discurso está oculto pelo dizer e a reversibilidade entre os interlocutores tende a zero. Como diz Orlandi (1983, p. 154), no discurso autoritário o “exagero é a ordem no sentido militar, isto é, o assujeitamento ao comando”, enquanto que, no discurso polêmico, a “relação com a referência é respeitada: a verdade é disputada pelos interlocutores” (ORLANDI, 1983, p. 155).

Por sua vez, o discurso polêmico distingue-se do lúdico porque neste a “reversibilidade entre interlocutores é total, sendo que o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução, resultando disso a polissemia aberta. O exagero é o *non sense*” (ORLANDI, 1983, p. 154 [grifos da autora]).

4. ANÁLISE DE DISCURSO

O lógico é atravessado por equívocos.

(Michel Pêcheux)

4.1 Princípios gerais

Para que possamos analisar o discurso polêmico em verbetes da unidade lexical “piriguite” produzidos entre 2007 e 2008 no *Dicionário inFormal*, discutiremos neste capítulo o dispositivo de interpretação com o qual operaremos no capítulo seguinte. Esse dispositivo, construído à medida que a análise ocorre, caracteriza-se, segundo Orlandi (1999, p. 59), por “colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro”. Com esse gesto, procuraremos “ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 1999, p. 59).

O pressuposto geral que guiará nosso trabalho é o de que a interpretação é uma tomada de posição (PÊCHEUX, 1988). E essa tomada de posição diz respeito a “efeitos de identificação assumidos e não negados” na interpretação (PÊCHEUX, 1988, p. 57). Entendemos que o sentido atribuído a uma palavra depende da posição ocupada pelo sujeito e da inscrição de seu dizer em uma ou outra formação discursiva (ORLANDI, 1999). Por sujeito deve-se entender o indivíduo constituído pela interpelação ideológica que o inscreve em uma formação discursiva (ORLANDI, 1999). Por formação discursiva deve-se entender uma dada posição inscrita numa conjuntura sócio-histórica e ideológica que “determina o que pode e deve ser dito” pelo sujeito (ORLANDI, 2006, p. 17).

O conceito de formação discursiva, como se pode ver, mostra-nos a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia¹⁶, que será entendida aqui como um “processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular” em um contexto histórico dado (ORLANDI, 2006, p. 25). A ideologia não é um conteúdo “x”, mas o

¹⁶ Althusser (1970) define a ideologia como o sistema das representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social. De acordo com esse autor (1970, p. 90), a ideologia existe num “aparelho ideológico material, prescrevendo práticas materiais, reguladas por um ritual material, as quais (práticas) existem nos actos materiais de um sujeito agindo em consciência segundo a sua crença”. Outras perspectivas sobre a ideologia encontram-se em Brandão (1991).

mecanismo de produzir “x” (ORLANDI, 2006). Nela “não há ocultação de sentidos mas apagamentos do processo de sua constituição” (ORLANDI, 2006, p. 25).

A partir do conceito de formação discursiva, os sentidos são “historicamente construídos” e a conjuntura sócio-histórica e ideológica¹⁷ “constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado” (MUSSALIM, 2000, p. 123). Dito de outra forma, podemos estar diante de uma palavra que, na mesma língua, significa de maneira diferente, uma vez que o sentido está exposto ao trabalho da ideologia e ao trabalho do inconsciente, isto é, ao equívoco (ORLANDI, 1999). Ao contrário, por exemplo¹⁸, da filologia, cuja conjuntura resume-se à descrição da cena cultural, na qual não se considera, “pelo menos como central, a hipótese da divisão da sociedade, e, portanto, das diversas ‘ideologias’, na relação com as quais uma obra surgiria”, a análise de discurso “não aceita que, dada uma palavra, seu sentido seja ‘óbvio’, como se estabelecido por convenção ou como se a palavra pudesse referir-se diretamente à ‘coisa’” (POSSENTI, 2004, p. 359-360). Nas palavras de Pêcheux (1988, p. 53):

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente).

Tendo isso em consideração, podemos dizer que o “discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 1999, p. 21). Ele “não se reduz ao objeto da Lingüística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise” (ORLANDI, 1999, p. 20). Ao contrário, a análise de discurso questiona a

Lingüística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 1999, p. 20)

Para a análise de discurso, o que se põe em questão, portanto, não é o “sujeito em si; o que importa é o lugar ideológico de onde enunciam os sujeitos” (MUSSALIM, 2000, p. 131). A análise de discurso, estando “calcada no materialismo histórico”, toma a língua como “materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social” (MUSSALIM, 2000, p. 110). Ela questiona a hipótese da língua como sendo unívoca;

¹⁷ Mussalim (2000, p. 23) usa as expressões “contexto histórico-social” e “contexto de enunciação”.

¹⁸ Outro exemplo usado por Possenti (2004) diz respeito à comparação entre a análise de discurso e a pragmática. Ao contrário desta, o sujeito, na análise de discurso, não é uno nem consciente. Ele não é um ator, que desempenha um papel: o sujeito, sem saber, ocupa uma posição. Nas palavras de Possenti (2004, p. 361), o sujeito, na análise de discurso, “é o que é, em grande medida, por ser efeito de linguagem (ouvir-se-á, aqui e ali, que é a língua que fala o sujeito)”.

questiona a hipótese do “sujeito como unidade controlada pela razão”, sujeito esse que, ao dizer, é bem-sucedido ao fazê-lo; e questiona, por último, a hipótese da “conjuntura uniforme” (POSSENTI, 2004, p. 359).

Feitas essas considerações sobre a língua e o discurso, precisamos caracterizar o gesto de interpretação para atribuímos sentido à unidade lexical “pirigute” nos verbetes do *Dicionário inFormal* produzidos entre 2007 e 2008. Esse gesto de interpretação aparecerá em dois momentos. No primeiro, consideraremos a interpretação como parte do objeto de análise. Ao falar, o sujeito já está interpretando a realidade. Isso significa que o analista “deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise” (ORLANDI, 1999, p. 60). Em um segundo momento, iremos nos colocar em uma posição deslocada em relação à interpretação a fim de contemplarmos o “processo de produção de sentidos em suas condições” (ORLANDI, 1999, p. 61). Mais especificamente: mostraremos a língua exposta à sua materialidade, ao equívoco, ao trabalho da ideologia (ORLANDI, 1999). Enfim, exporemos a língua às suas condições de produção (ORLANDI, 1999).

Para isso, tomaremos a história como interpretável. Na análise de discurso, a ordem do simbólico implica o fato linguístico do equívoco¹⁹ como fato estrutural da língua (PÊCHEUX, 1988). E esse gesto considera a história como interpretável, no sentido de que se procura “‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito” (PÊCHEUX, 1988, p. 44). Nas palavras de Pêcheux (1988, p. 54 [grifo do autor]):

é porque há o *outro* nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes.

Isso posto, analisaremos, num primeiro momento, o contexto imediato a partir das circunstâncias de enunciação; em seguida, analisaremos o contexto sócio-histórico e ideológico (ORLANDI, 1999). Chamamos a isso de condições de produção, que incluem os sujeitos e a situação (ORLANDI, 2006). As condições de produção também se constituem pela memória discursiva e pelo interdiscurso (ORLANDI, 2006). Ao considerarmos as condições de produção, estaremos pressupondo que o dizer

não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas”

¹⁹ Para Pêcheux (1988, p. 46), o estruturalismo incorreu em um erro ao promover o “narcisismo da estrutura”. Em outras palavras, o estruturalismo priorizou a estrutura da língua e assim suspendeu a sua interpretação.

palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 1999, p. 32)

Tendo as condições de produção como ponto de contato entre língua e ideologia, entendemos que “só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória)” (ORLANDI, 1999, p. 32). Isso porque, de acordo com Orlandi (2006, p. 21), nossos enunciados são constituídos por “estratificações de formulações já feitas que presidem nossa formulação e formam o eixo de constituição de nosso dizer”. Dito de outra forma, reside em nossos enunciados um “dizer já dito e esquecido” que constitui os enunciados que dizemos em sua memória (ORLANDI, 2006, p. 22). Trata-se de um saber discursivo constituído pelo esquecimento. A esse saber discursivo, a esse já-dito que preside qualquer dizer, chamamos de memória discursiva²⁰ (ORLANDI, 2006). Quanto ao interdiscurso, entendemos

aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. (ORLANDI, 1999, p. 31)

Assim, o que é dito pelo sujeito apenas pode sê-lo porque ele se inscreve numa região do interdiscurso, que se constitui pela memória discursiva, isto é, pelo conjunto de formulações feitas em outros lugares – e por isso mesmo esquecidas (ORLANDI, 1999). O sujeito, ao dizer, significa em suas palavras até mesmo o que ele não diz – mas que está lá, em seu dizer, devido ao trabalho do interdiscurso, que torna acessível ao sujeito apenas uma parte do que é dito (ORLANDI, 1999).

4.2 Procedimentos

Ao analisarmos os verbetes da unidade lexical “piriguete” produzidos entre 2007 e 2008 no *Dicionário inFormal*, cada um deles será considerado não como uma “frase longa ou uma soma de frases”, mas será considerado como uma “totalidade com sua qualidade particular, com sua natureza específica” (ORLANDI, 1999, p. 18). Isso porque “não é a extensão que delimita o que é um texto”, mas o “fato de, ao ser referido à discursividade, constituir uma unidade em relação à situação” (ORLANDI, 1999, p. 69).

²⁰ A noção de memória discursiva encontra-se também em Possenti (2004, p. 365 [grifos do autor]), que a define como a “*existência histórica do enunciado* no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos”. Trata-se de “discursos que estão na origem de atos novos, de falas que os representam, os transformam ou falam deles; discursos que, indefinidamente, além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (POSSENTI, 2004, p. 365).

Os verbetes serão tomados, portanto, como objetos simbólicos (ORLANDI, 1999). Enquanto tais, iremos remetê-los ao discurso polêmico a fim de analisarmos, por um lado, as relações do discurso polêmico com as formações discursivas. Por outro lado, analisaremos as relações constituídas entre as formações discursivas e a ideologia (ORLANDI, 1999).

A análise possuirá três etapas. Partiremos da superfície linguística do texto lexicográfico para obtermos o objeto discursivo; em seguida, do objeto discursivo obteremos o processo discursivo (ORLANDI, 1999). A primeira etapa é constituída pelo texto, que, como dissemos, “funciona enquanto objeto simbólico” (ORLANDI, 1999, p. 70). Segundo Orlandi (1999, p. 70), o texto é uma unidade complexa, que constitui “um todo que resulta de uma articulação de natureza lingüístico-histórica”. Trata-se de uma unidade significativa, que empiricamente possui começo, meio e fim.

A segunda etapa é constituída pela formação discursiva, na qual as palavras, de acordo com Orlandi (1999, p. 43) não possuem

um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente.

Ao analisarmos as formações discursivas, iremos nos apoiar em Orlandi (1999, p. 44), que salienta a necessidade de não as tomarmos como “blocos homogêneos funcionando automaticamente”, pois as formações discursivas são “constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações”.

Terminada a segunda etapa, passaremos à terceira, que se constitui pela formação ideológica. Na análise de discurso, a ideologia interpela o indivíduo em sujeito (ORLANDI, 1999). Este somente existe porque a ideologia o constitui enquanto tal. Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, pois o “indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 1999, p. 17). Como consequência disso, Orlandi (1999, p. 17) afirma que o discurso “é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 1999, p. 17).

Durante a análise, procuraremos saber como o discurso polêmico se textualiza. Para isso, operaremos o processo de de-superficialização, que consiste na transformação da

superfície linguística em um objeto discursivo (ORLANDI, 1999). Em outras palavras, analisaremos a materialidade linguística (o que se mostra na sintaxe do texto lexicográfico e enquanto processo de enunciação, no qual o sujeito se marca naquilo em que diz). A superfície linguística (o *corpus* bruto) será convertida em um objeto teórico (objeto linguisticamente de-superficializado). Este objeto será produzido a partir de uma abordagem analítica que “trata criticamente a impressão de ‘realidade’ do pensamento, ilusão que sobrepõe palavras, idéias e coisas” (ORLANDI, 1999, p. 66).

Ao procurarmos saber como um objeto simbólico produz sentidos, consideraremos quais são as formações imaginárias em suas relações de sentido e de forças quando o sujeito produz, no *Dicionário inFormal*, o verbete da unidade lexical “pirigüete”. Levaremos em conta o esquecimento n.º 2 segundo o qual o que se diz só pode ser dito de uma determinada maneira e não de outra²¹ (ORLANDI, 1999). Feito isso, analisaremos como se dá a passagem do objeto discursivo para o processo discursivo, ou seja, como se dá a relação entre as formações discursivas e a ideologia (ORLANDI, 1999).

²¹ O esquecimento n.º 2 caracteriza-se por ser enunciativo. Ele é da ordem da formulação, pois “produz a impressão da realidade do pensamento, como se houvesse uma relação termo a termo entre o que” se diz, o que se pensa e a realidade a que se refere o sujeito (ORLANDI, 2006, p. 21). Igualmente relevante é o esquecimento n.º 1, que se caracteriza por o sujeito ter a “ilusão de ser a origem do que diz” (ORLANDI, 2006, p. 21).

5. EFEITOS DE SENTIDO NO *DICIONÁRIO INFORMAL*

Os sentidos não estão nas palavras elas mesmas.

Estão aquém e além delas.

(Eni Puccinelli Orlandi)

5.1 Contextualização

Em linhas gerais, o *Dicionário inFormal* é um dicionário eletrônico no qual o falante é convidado a tornar-se colaborador. Nele, pode-se acrescentar uma definição nova a uma palavra já registrada pelos dicionários tradicionais ou pode-se definir uma palavra cujo significado não esteja nos dicionários tradicionais. Desse modo, como já dissemos, o saber do falante encerra, no *Dicionário inFormal*, uma prática linguística isenta de julgamentos e correções (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014). A título ilustrativo, vejamos o verbete no qual a expressão²² “Dicionário inFormal” é definida:

1. Dicionário inFormal

O **dicionário** de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar on-line a evolução do português. Não deixe as palavras passarem em branco, participe definindo o seu português!

O Dicionário inFormal é do caralho! Ali não existem definições certas ou erradas, mas definições da vida real para o português.

A partir do verbete acima, nota-se que o falante, no *Dicionário inFormal*, é interpelado a tornar-se colaborador da “evolução do português”, que se configura como uma língua de todos os “usuários”. Segundo o próprio verbete, não existem, no dicionário em questão, “*definições certas ou erradas, mas definições da vida real para o português*”. Este enunciado opõe-se ao pré-construído segundo o qual o dicionário tradicional documenta uma língua apenas – a língua padrão, que, segundo o verbete em análise, está distante da realidade

²² Não nos referidos ao *Dicionário inFormal* enquanto objeto empírico, mas à expressão linguística que o designa. Desse modo, não nos situamos na perspectiva segundo a qual as palavras são como “etiquetas”, que se referem diretamente aos objetos do mundo. Para nós, a questão que se coloca aqui diz respeito à relação da língua consigo mesma na ordem do simbólico, ou seja, consideramos a língua a partir do estruturalismo saussureano, mas não a tomamos como um sistema fechado em si mesmo, uma vez que a língua está exposta ao equívoco (ORLANDI, 1999). Um tratamento do sentido igualmente decisivo nas ciências da linguagem encontra-se em Guimarães (2002), que define a designação como a significação de um nome “enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história” (GUIMARÃES, 2002, p. 9).

dos falantes, da vida destes. Isso nos permite afirmar um corte produzido pelo dicionário tradicional, que valoriza a norma, procurando descrevê-la como estável e una (DIAS; BEZERRA, 2006). É a essa língua que se apõe o *Dicionário inFormal*.

No que diz respeito às palavras que se iniciam com a letra “p”, há 40.227 palavras²³ no *Dicionário inFormal*. Dentre elas, encontram-se: “periguetá” (1 definição), “periguate” (7 definições), “periguetismo” (1 definição), “piriguetar” (2 definições), “piriguate” (54 definições), “pirigueti” (10 definições), “piriguetinismo” (1 definição) e “piriguate” (2 definições)²⁴.

Quanto à classe gramatical dessas palavras, “periguate”, “piriguate” e “pirigueti” são adjetivos cujo gênero é feminino; “periguetá” e “piriguetar” são verbos de 1ª conjugação; “periguetismo” e “piriguetinismo” são substantivos; e “piriguate” é adjetivo cujo gênero é masculino. Quando comparamos as palavras “piriguate” e “pirigueti”, observa-se que na sílaba “-ti” de “pirigueti”, a letra “i” constitui-se um alofone do último fonema /e/ de “piriguate”, que possui a sílaba “-te”. Tal fenômeno não ocorre ainda com a palavra “periguate”.

Se olharmos para o verbo “piriguetar”, notaremos que o *Dicionário inFormal* registra também o verbo “periguetá”. Aqui, ocorrem dois fenômenos: a permutação do primeiro fonema /i/, que se transforma em /e/, e a queda do morfema {-r}, que em “piriguetar” marca a forma nominal do infinitivo. Com a queda do morfema {-r}, o fonema /a/ ganha acento agudo para a indicação da sílaba tônica.

No *Google*, o número de ocorrências²⁵ dessas palavras é razoável. “Piriguetar” possui aproximadamente 12.900 ocorrências; “periguetá”, 304 ocorrências; “piriguate”, 590.000 ocorrências; e “pirigueti”, 90.500 ocorrências. Já a palavra “periguate” possui 547.000 ocorrências; “piriguetinismo”, 3.860 ocorrências; “periguetismo”, 6.140 ocorrências; e “piriguate”, 18.700 ocorrências. Para efeitos didáticos, visualizemos o número de ocorrências dessas palavras na tabela a seguir:

²³ Acesso em: 30 nov. 2015. Em consulta feita no dia 04 nov. 2015, havia 40.091 palavras. Em 06 jul. 2015, havia 39.291 palavras. Comparando o período entre 06 jul. 2015 e 30 nov. 2015, tem-se um aumento de 936 palavras no *Dicionário inFormal*.

²⁴ Acesso em: 30 nov. 2015.

²⁵ Acesso em: 30 nov. 2015.

Tabela 1 – Número de ocorrências

Palavras	<i>Dicionário inFormal</i>	<i>Google</i>
Perigueta	1	304
Piriguetar	2	12.900
Periguete	7	547.000
Piriguete	54	590.000
Pirigueti	10	90.500
Piriguetto	2	18.700
Piriguetinismo	1	3.860
Periguetismo	1	6.140

Do ponto de vista das ocorrências no *Google*, temos, em primeiro lugar, “piriguete” (590.000). Em segundo lugar, temos “periguete” (547.000); em seguida, temos “pirigueti” (90.500); e, por fim, temos “piriguetto” (18.700), “piriguetar” (12.900), “periguetismo” (6.140), “piriguetinismo” (3.860) e “perigueta” (304). Se compararmos o número de verbetes no *Dicionário inFormal*, é possível notar que o maior número diz respeito à palavra “piriguete”, que possui 54 definições. Em seguida, temos: “pirigueti” (10), “periguete” (7), “piriguetar” (2), “piriguetto” (2), “perigueta” (1), “piriguetinismo” (1) e “periguetismo” (1).

5.2 Ano de publicação dos verbetes

Como dissemos, o *Dicionário inFormal* possui 54 verbetes da unidade lexical “piriguete”, os quais foram produzidos entre 2007 e 2014.

Em 2007, foram produzidos 7 verbetes. São eles: os verbetes 1, 4, 5, 12, 22, 51, e 54. Em relação a esses verbetes, a ordem de publicação não segue um critério cronológico. São exemplos disso os verbetes 1 e 54 – o primeiro e o último, respectivamente. Já em 2008, foram produzidos 16 verbetes da palavra “piriguete”. São eles: os verbetes 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 18, 44, 45, 47, 48, 50, 52 e 53. Em relação a esses verbetes, a ordem de publicação não segue também um critério cronológico. São exemplos disso os verbetes 2 e 53 – o segundo e o penúltimo, respectivamente.

A título ilustrativo, vejamos o verbe 1, que foi escrito por Geisa Barros. No dia 21 de março de 2007, ela definiu o significado da palavra “piriguete” da seguinte forma:

1. Piriguete

Por Geisa Barros (BA) em 21-03-2007.

Mulher fácil, vai para baladas a procura [*sic*] de todos os tipos de homens para pagar tudo para elas, pois sempre saem sem dinheiro. Geralmente, quase sempre transam na primeira noite.

*Você é feio, passou uma gatinha e viu que você está com dinheiro ou tem carro e está te paquerando... caia fora, é uma **PIRIGUETE**.*

Se somarmos os verbetes da unidade lexical “piriguete” produzidos entre 2007 e 2008 no *Dicionário inFormal*, temos o número de 23 verbetes. Vejamos alguns dados preliminares sobre eles:

Tabela 2 – Descrição preliminar dos verbetes produzidos em 2007

Verbete	Autor(a)	Sexo	Estado	Data
1	Geisa Barros	Feminino	Bahia	21/03/2007
4	Daniela	Feminino	São Paulo	09/10/2007
5	Marcelo	Masculino	São Paulo	02/12/2007
12	<i>Dicionário inFormal</i>	-	São Paulo	18/10/2007
22	Franklin Lima	Masculino	Rio de Janeiro	14/11/2007
51	Franklin Lima	Masculino	Rio de Janeiro	14/11/2007
54	<i>Dicionário inFormal</i>	-	São Paulo	1/12/2007

Tabela 3 – Gênero dos autores

Sexo	Quantidade
Feminino	2
Masculino	3
<i>Dicionário inFormal</i>	2

Tabela 4 – Origem dos autores

Estado	Quantidade
Bahia	1
Rio de Janeiro	2
São Paulo	4

Tabela 5 – Descrição preliminar dos verbetes produzidos em 2008

Verbete	Autor(a)	Sexo	Estado	Data
2	Fernandinha	Feminino	Minas Gerais	25/01/2008
3	Ricardo	Masculino	São Paulo	06/03/2008
6	<i>Dicionário inFormal</i>	-	São Paulo	10/02/2008
7	Meiry	Feminino	Rio de Janeiro	15/06/2008
8	Cheio da Grana	Masculino	Paraná	27/03/2008

9	Laura Ferreira	Feminino	Minas Gerais	20/07/2008
10	Julião Carneiro	Masculino	Rio de Janeiro	20/12/2008
11	Ricardo	Masculino	Bahia	12/01/2008
18	<i>Dicionário inFormal</i>	-	São Paulo	04/08/2008
44	Maria Eduarda	Feminino	Santa Catarina	04/11/2008
45	mile	-	São Paulo	20/05/2008
47	Luiz Sebastião Favero	Masculino	Paraná	28/09/2008
48	Martins	Masculino	Rio Grande do Norte	31/08/2008
50	luiz pucú	Masculino	Rio de Janeiro	28/09/2008
52	Marcelo	Masculino	Acre	09/02/2008
53	Aristides S. Bernardo	Masculino	São Paulo	10/03/2008

Tabela 6 – Gênero dos autores

Sexo	Quantidade
Feminino	4
Masculino	9
<i>Dicionário inFormal</i>	2
Indefinido	1

Tabela 7 – Origem dos autores

Estado	Quantidade
Acre	1
Bahia	1
Minas Gerais	2
Paraná	2
Rio de Janeiro	3
Rio Grande do Norte	1
Santa Catarina	1
São Paulo	5

A análise dos dados acima permite-nos constatar o seguinte: no que diz respeito aos 7 verbetes da unidade lexical “piriguete” produzidos em 2007 no *Dicionário inFormal*, a maioria deles foi produzida em São Paulo (4 verbetes); em segundo lugar está Rio de Janeiro (2 verbetes). Quanto ao sexo das pessoas que produziram os 7 verbetes, 4 pessoas pertencem ao sexo masculino. No que diz respeito aos 16 verbetes produzidos em 2008 no *Dicionário inFormal*, constata-se a mesma realidade. A maioria dos verbetes foi produzida em São Paulo (5 verbetes); em segundo lugar está Rio de Janeiro (3 verbetes). Quanto ao sexo das pessoas que produziram os 16 verbetes, 9 pessoas pertencem ao sexo masculino. Em outras palavras, considerando o período entre 2007 e 2008, a maioria dos verbetes da unidade lexical “piriguete” foi produzida por pessoas do sexo masculino, as quais residem em grandes centros urbanos.

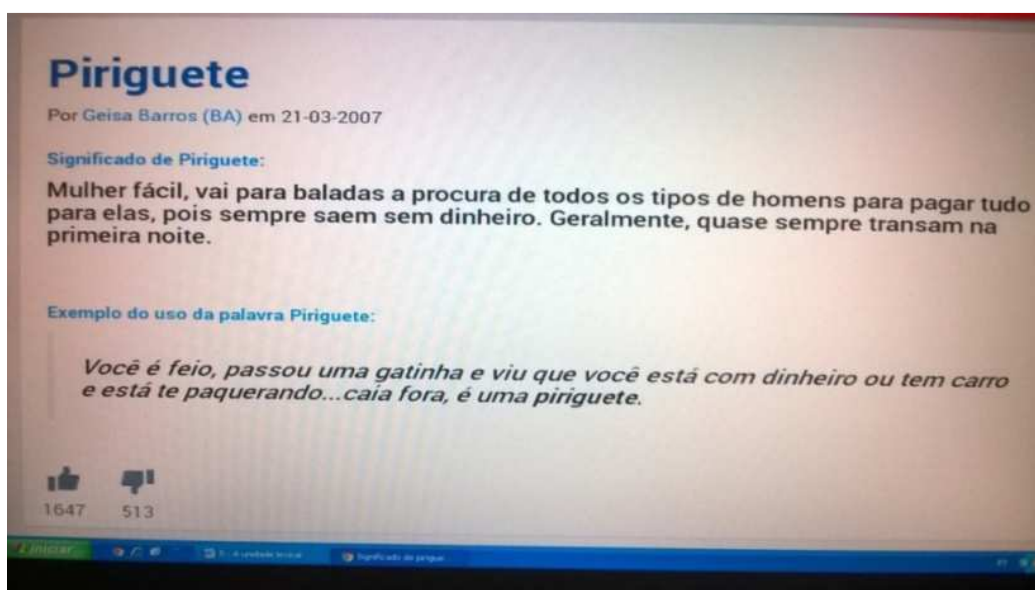
Isso posto, convém notar que os demais verbetes da unidade lexical “piriguete” no *Dicionário inFormal* correspondem aos anos de 2009, 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014.

5.3 Estrutura dos verbetes

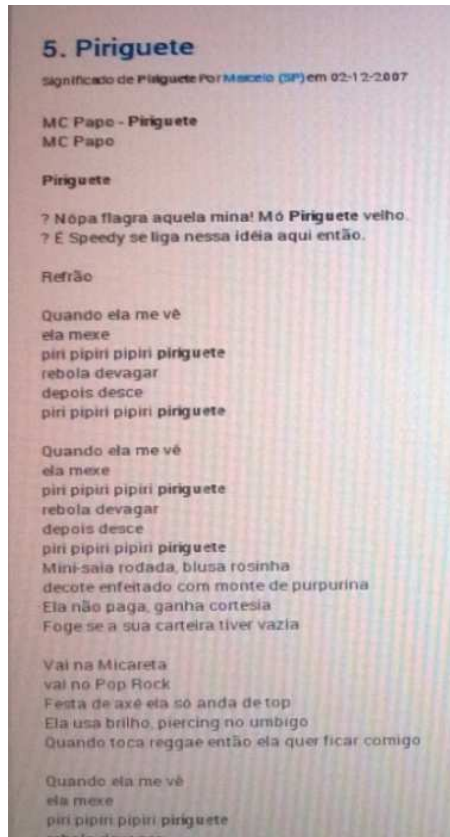
Os verbetes da palavra “piriguete” não possuem, no *Dicionário inFormal*, uma estrutura fixa. Eles não são como, por exemplo, os verbetes do dicionário *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa* (FERREIRA, 2010). Nesse dicionário, os verbetes, grosso modo, possuem: cabeça do verbete, separação silábica, ortoépia, definição e categoria gramatical. Além disso, os verbetes possuem também: etimologia, derivadas, sinal identificador, número de acepção, remissivas, índice, abreviações, achegas, rubrica, palavras mais frequentes, exemplos, locução e regência.

A título ilustrativo, tomemos, no *Dicionário inFormal*, os verbetes 1 e 5. O verbete 1 possui: cabeça do verbete sem separação silábica; logo abaixo, encontram-se o nome do autor do verbete, a sigla de seu Estado na federação e a data de produção do verbete. Em seguida, encontram-se a definição da palavra “piriguete” e o exemplo. Já o verbete 5 possui: cabeça de entrada sem separação silábica, o nome do autor do verbete, a sigla de seu Estado na federação, a data de produção do verbete e, no lugar da definição e do exemplo, encontram-se a letra da música “Piriguete”, de Mc Papo, além do vídeo clipe dessa música no *YouTube*.

Vejamos os verbetes 1 e 5 no *Dicionário inFormal*:



(Imagem 1: verbete 1 da unidade lexical “piriguete”. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/piriguete/206/>>. Acesso em: 30 nov. 2015)

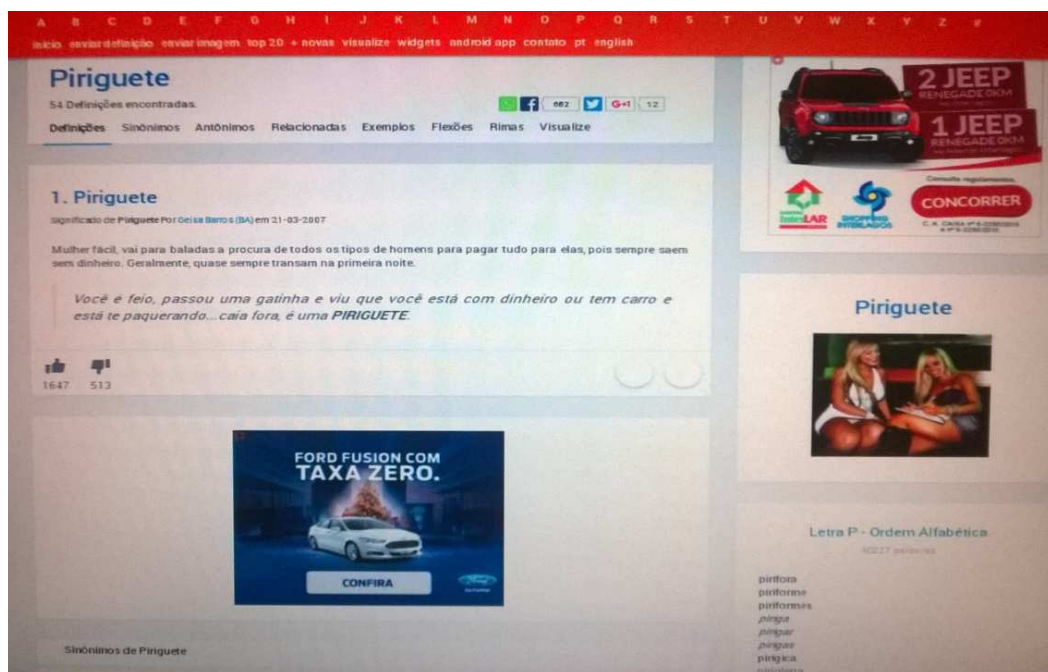


(Imagem 2: verbete 5 da unidade lexical “piriguete”. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/piriguete/206/>>. Acesso em: 30 nov. 2015)



(Imagem 3: continuação do verbete 5 da unidade lexical “piriguete”. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/piriguete/206/>>. Acesso em: 30 nov. 2015)

Além do que dissemos sobre a estrutura dos verbetes da unidade lexical “piriguete”, nota-se que é possível “curtir”, “não curtir” e “compartilhar” os verbetes do *Dicionário inFormal* em redes sociais, assim como é possível incorporar informações a eles, enviar uma definição, enviar uma imagem e denunciar abuso. Portanto, estamos diante de um dicionário relacionado às práticas comunicacionais na internet, que “transforma as condições de comunicação, o que se considera gênero, e a própria noção de textualidade” (MAINGUENEAU, 2010, p. 132). Tendo isso em consideração, é preciso considerar a natureza “icônica” do *Dicionário inFormal*, cujos verbetes podem ser vistos como “iconotextos” (MAINGUENEAU, 2010, p. 136). Em outras palavras, o *Dicionário inFormal* é composto por imagens, uma vez que ele integra textos, fotos e vídeos. Não obstante, ele é composto por “páginas numa tela de computador” (MAINGUENEAU, 2010, p. 136). Vejamos como isso ocorre:



(Imagem 4: página do site onde se encontra o verbe 1 da unidade lexical “piriguete”. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/piriguete/206/>>. Acesso em: 30 nov. 2015)

Na imagem acima, verifica-se que a textualidade do *Dicionário inFormal* encontra-se dentro de um espaço preestabelecido: a página eletrônica. Nas palavras de Maingueneau (2010, p. 137), trata-se de uma textualidade “tabular”. Por textualidade tabular entende-se que o discurso está subordinado à imagem, pois o texto é uma figura, ou seja, ele se encontra dentro de um espaço preestabelecido: a página eletrônica de um dicionário no qual os falantes, ao serem interpelados em sujeitos pela ideologia, ocupam a posição de

falantes-lexicógrafos (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014). Ao mesmo tempo, essa textualidade tabular é também uma “textualidade de ‘navegação na internet’” (MAINGUENEAU, 2010, p. 137). De acordo com Maingueneau (2010, p. 137), esse segundo tipo de textualidade “implica uma nova maneira de ler²⁶ e a possibilidade de passar instantaneamente de uma ‘página’ para outra em um espaço aberto” (MAINGUENEAU, 2010, p. 137).

Vejamos os verbetes da unidade lexical “piriguete” produzidos em 2007 no *Dicionário inFormal*.

1. Piriguete

Por Geisa Barros (BA) em 21-03-2007.

Mulher fácil, vai para baladas a procura [*sic*] de todos os tipos de homens para pagar tudo para elas, pois sempre saem sem dinheiro. Geralmente, quase sempre transam na primeira noite.

*Você é feio, passou uma gatinha e viu que você está com dinheiro ou tem carro e está te paquerando... caia fora, é uma **PIRIGUETE**.*

4. Piriguete

Por Daniela (SP) em 09-10-2007.

Piriguete é aquela mulher que tem um fogo muito alto, que toma o homem da amiga, e quanto mais homens pra ela melhor.

- *Você tem uma namorada e a amiga dela dá em cima de você.*

5. Piriguete

Por Marcelo (SP) em 02-12-2007.

MC Papo – **Piriguete**

MC Papo

Piriguete

? Nópa flagra aquela mina! Mó **Piriguete** velho.

? É Speedy se liga nessa idéia aqui então.

Refrão

²⁶ Para uma discussão sobre os modos de ler no passado e na contemporaneidade, remetemos o leitor a Ferreiro (2005), que assinala, entre outras coisas, a ruptura causada pelo computador em relação à página medieval, que perdura até hoje. Segundo Ferreiro (2005), a interpretação é condicionada pelas novas tecnologias, que utilizam recursos gráficos para guiar a leitura.

Quando ela me vê
ela mexe
piri pipiri pipiri **piriguete**
rebola devagar
depois desce
piri pipiri pipiri **piriguete**

Quando ela me vê
ela mexe
piri pipiri pipiri **piriguete**
rebola devagar
depois desce
piri pipiri pipiri **piriguete**
Mini-saia rodada, blusa rosinha
decote enfeitado com monte de purpurina
Ela não paga, ganha cortesia
Foge se a sua carteira tiver vazia

Vai na Micareta
vai no Pop Rock
Festa de axé ela só anda de top
Ela usa brilho, piercing no umbigo
Quando toca reggae então ela quer ficar comigo

Quando ela me vê
ela mexe
piri pipiri pipiri **piriguete**
rebola devagar
depois desce
piri pipiri pipiri **piriguete**
2x

Foto de espelho na exibição
Ela curte funk quando chega o verão
No inverno essa mina nunca sente frio
desfila pela night de short curtinho
Um cinco sete de marido
ela gosta é de cara comprometido
Não tem carro, anda de carona
Ela anda sexy toda guapetona
Ela não é amante, não é prostituta, ela é fiel, ela é substituta

refrão 2x

Ei governador, lá em Salvador,
Rio de Janeiro, Santos e Belo
todo mundo já conhece, sabe o que acontece
quando vê a gente ela se oferece
Mexe o seu corpo como se fosse uma mola
dedinho na boquinha, ela olha e rebola
chama atenção, vem na sedução, essa noite vai ser quente
eu vou dar pressão

Refrão

12. Piriguete

Por Dicionário inFormal (SP) em 18-10-2007.

Esses [sic] são as definições, mais do que justas...

- 1- **Piriguete** não namora, engana;
- 2- **Piriguete** não faz amor, faz sexo gostoso e bem feito;
- 3- **Piriguete** não tem só matriz, tem filiais; rss
- 4- **Piriguete** não tem medo de nda [sic], nem de ninguèm [sic] e se ama acima de tudo;
- 5- **Piriguete** não chora, dá o troco (bem dado) hehehehe;
- 6- **Piriguete** [sic] qdo [sic] leva chifre, devolve, enfeitnado [sic] a cabeça do infeliz como árvore de Natal;
- 7- **Piriguete** não tem ciúmes, nem se abala com os fatos;
- 8- **Piriguetes** solteiras sempre, mas sozinhas nunca;
- 9- **Piriguetes** não são galinhas, mas sim exigentes, gosta [sic] de selecionar bem seus homens
- 10- E por fim, quando uma **Piriguete** encontra um homem que te satisfaça em todos os sentidos, os 9 mandamentos acima são extintos e ela faz deste homem o mais feliz do mundo. ¬¬ uhum

*É elas nunca pagam a conta e não tem seus próprios [sic] homens...
Elas não tomam só pegam emprestado até a carteira deles esvaziar...*

22. Piriguete

Por Franklin Lima (RJ) em 14-11-2007.

Putá.

***Piriguete** = Puta.*

51. Piriguete

Por Franklin Lima (RJ) em 14-11-2007.

Garotas pobres que fazem sexo em troca de status, são atraídas pelo cheiro de gasolina. Adoram festas e se embriagam facilmente.

Maria estava acompanhada de outra que fazia programa no Leblon.

54. Piriguete

Por Dicionário inFormal (SP) em 01-12-2007.

Mulher bonita, inteligente, astuciosa, carismática que encanta a todos com sua beleza [sic] e simpatia. Por isso desperta inveja das concorrentes.

Elvira, a namorada de Regis da Novela Sete Pecados, da Rede Globo.

Uma análise inicial permite-nos dizer que os verbetes 1, 5, 12, 22 e 51 designam a unidade lexical “piriguite” a partir de uma correlação entre comportamento feminino e aspecto econômico. Em outras palavras, para os verbetes em questão a falta de dinheiro está relacionada ao comportamento feminino descrito por eles. Vamos entender como.

Conforme vimos nas tabelas 3, 4, 6 e 7 do item 5.2 Ano de publicação dos verbetes, neste mesmo capítulo, a maioria dos verbetes da unidade lexical “piriguite” foi produzida por locutores que se identificaram como pessoas do sexo masculino residentes em grandes centros urbanos, onde se concentram as relações econômicas e culturais. Tendo isso em consideração, é revelador para este trabalho o fato de que: (i) a língua portuguesa, nos verbetes 5 e 6, divide o espaço de enunciação com a língua inglesa; (ii) o comportamento feminino, segundo os verbetes apresentados acima, está relacionado à falta de dinheiro.

De acordo com Guimarães (2002), o espaço de enunciação é um espaço político no qual a língua encontra-se dividida, em funcionamento com outras línguas, como por exemplo no Brasil, cujo espaço de enunciação é um espaço onde a língua portuguesa, de maneira predominante, divide espaço com a língua inglesa, atual língua da globalização²⁷. Não se trata de um espaço empírico, mas de um espaço no qual os falantes são categorias linguísticas e enunciativas. Enquanto tais, eles são “divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer” (GUIMARÃES, 2002, p. 18). Nesse sentido, o político, para Guimarães (2002, p. 18), caracteriza-se pelo aspecto normativo, que divide e “é também a condição para se afirmar o pertencimento dos não incluídos, a igualdade dos desigualmente divididos”.

No que diz respeito à correlação entre comportamento feminino e aspecto econômico, de maneira geral, “piriguite”, segundo os verbetes mencionados, é a designação de mulher que não possui dinheiro e, por isso, está à procura dele. O verboete 1 designa “piriguite” como a mulher que sai “sem dinheiro”; o verboete 5 designa “piriguite” como a mulher que “foge se a sua carteira tiver vazia”; o verboete 12, em seu exemplo, designa “piriguite” como a mulher que, dentre outras coisas, nunca paga a conta; o verboete 22, por sua

²⁷ Para Gnerre (1985, p. 7), o “passo fundamental na afirmação de uma variedade sobre as outras é sua associação à escrita e, conseqüentemente, sua transformação em uma variedade usada na transmissão de informação de ordem política e ‘cultural’”.

vez, ao designar “piriguite” como puta, subentende²⁸ que “piriguite” é a designação da mulher que faz sexo em troca de dinheiro; finalmente, o verbete 51 designa “piriguite” como uma garota pobre, que faz “sexo em troca de status”. Ao designar “piriguite” como alguém atraído “pelo cheiro de gasolina”, o verbete 51 faz uso de uma metonímia para afirmar que a pessoa, no fundo, é atraída pelo carro, que subentende dinheiro para comprá-lo. Além disso, o verbete 51 diz que piriguite adora festas e embriaga-se facilmente.

Dentre os sete verbetes da unidade lexical “piriguite” produzidos em 2007, dois deles são de autoria do *Dicionário inFormal* (verbetes 12 e 54). A propósito do verbete 54, nota-se que ele, ao contrário dos demais verbetes produzidos naquele ano, possui uma orientação argumentativa aparentemente positiva, uma vez que “piriguite” é a designação de “mulher bonita, inteligente, astuciosa” e “carismática”, que “encanta a todos com sua belza [*sic*] e simpatia”. Por essa razão, o verbete 54 diz que a piriguite “desperta inveja das concorrentes”.

Dissemos que o verbete 54 possui uma orientação argumentativa *aparentemente* positiva. O enunciado “Por isso [a piriguite] desperta inveja das concorrentes” revela-nos a posição sustentada pelo sujeito que o enuncia. A preposição “das”, no sintagma nominal “inveja das concorrentes”, marca “concorrentes” como adjetivo que recai sobre o termo “mulheres”, que no enunciado está oculto, mas é pressuposto, uma vez que “piriguite” designa “mulher bonita, inteligente, astuciosa” e “carismática”, que “encanta a todos com sua belza [*sic*] e simpatia”.

Sendo assim, um dos efeitos de sentido produzidos pelo verbete 54 diz respeito ao objeto disputado pelas mulheres. Ao que elas concorrem? Para respondermos a essa pergunta, voltemos ao verbete 54:

54. Piriguite

Por Dicionário inFormal (SP) em 01-12-2007.

Mulher bonita, inteligente, astuciosa, carismática que encanta a todos com sua belza [*sic*] e simpatia. Por isso desperta inveja das concorrentes.

Elvira, a namorada de Regis da Novela Sete Pecados, da Rede Globo.

²⁸ O subentendido é um conteúdo semântico implícito que, ao contrário do pressuposto, não está marcado no enunciado, mas pode ser recuperado pela situação de comunicação (FIORIN, 2002b). Koch (1992, p. 49) afirma que o subentendido exige “do interlocutor determinado conhecimento de mundo”. Para uma discussão sobre esse assunto, remetemos o leitor a Koch e Travaglia (1990), que discutem, entre outros fatores constitutivos da coerência, os conceitos de *frames*, esquemas, planos, *scripts* e superestruturas (esquemas textuais).

Como se pode ver, “piriguete” designa a mulher que “encanta a todos com sua beleza [*sic*] e simpatia”. Este enunciado, somado a “Por isso [a piriguete] desperta inveja das concorrentes”, traz dois pressupostos: (i) as mulheres sentem inveja quando a piriguete encanta a todos com sua beleza e simpatia; (ii) a piriguete é bela e simpática. Entre os subentendidos possíveis, tem-se: (i) beleza e simpatia são atributos desejados pelas mulheres; (ii) algumas mulheres não são belas e simpáticas, por isso sentem inveja da piriguete.

Considerando, agora, as condições de produção do verbete 54, o sujeito que diz “Por isso [a piriguete] desperta inveja das concorrentes” significa em suas palavras até mesmo o que ele não diz, significa aquilo que foi dito em outros lugares, significa um “dizer já dito e esquecido” (ORLANDI, 2006, p. 22). Ele se inscreve em uma região do interdiscurso constituída pela memória discursiva (ORLANDI, 1999). E, dentre os enunciados que fazem parte da memória discursiva, encontram-se, por exemplo, os enunciados do verbete 1:

1. Piriguete

Por Geisa Barros (BA) em 21-03-2007.

Mulher fácil, vai para baladas a procura [*sic*] de todos os tipos de homens para pagar tudo para elas, pois sempre saem sem dinheiro. Geralmente, quase sempre transam na primeira noite.

*Você é feio, passou uma gatinha e viu que você está com dinheiro ou tem carro e está te paquerando... caia fora, é uma **PIRIGUETE**.*

Como esse verbete designa “piriguete” como a mulher “que vai para baladas a procura [*sic*] de todos os tipos de homens para pagar tudo para elas, pois sempre saem sem dinheiro”, um dos efeitos de sentido produzidos pelo verbete 54 diz respeito ao fato de as mulheres enxergarem a piriguete como uma concorrente, pois, quando se trata de encontrar um homem na “balada”, a piriguete sai “a procura de todos os tipos de homens”. Em outras palavras, para o verbete 54 tanto a piriguete quanto as demais mulheres saem à procura de homens na “balada”.

É importante notar que a designação apresentada pelo verbete 54, de autoria do *Dicionário inFormal*, entra em concorrência com a designação do verbete 12, que também pertence ao *Dicionário inFormal*. O verbete 12, cuja orientação argumentativa é preconceituosa, designa “piriguete”, entre outras coisas, como a mulher que “engana”, valoriza o “sexo gostoso” em detrimento do amor e é vingativa, pois ela “não chora, dá o troco (bem dado)”.

Estamos aqui diante de verbetes nos quais, como diz Orlandi (1983, p. 155), a “verdade é disputada pelos interlocutores”. Na maioria deles, a mulher é vista a partir de aspectos econômicos e comportamentais, nos quais predominam o discurso machista. Às vezes a injúria salta aos nossos olhos; outras vezes, não. É o caso, por exemplo, do verbete 54 analisado acima.

No que diz respeito ao exemplo dado pelo verbete 54, este cita a personagem Elvira da telenovela *Sete Pecados*, que foi exibida às 19h pela *Rede Globo* entre 18 de junho de 2007 e 15 de fevereiro de 2008. *Sete Pecados* era uma telenovela cuja história baseava-se no jogo de opostos entre os sete pecados capitais (soberba, inveja, ira, preguiça, avareza, gula e luxúria) e a “humildade, a caridade, a paciência, a diligência, a generosidade, a temperança e a castidade”²⁹ (algumas dessas virtudes, vale notar, são consideradas teológicas e cardeais, como a caridade e a temperança, respectivamente). O verbete 54, ao citar a personagem Elvira da telenovela *Sete Pecados*, revela-nos o poder desse gênero televisivo na formação cultural das pessoas que assistem a esse tipo de programação.

Vejamos agora os verbetes produzidos em 2008:

2. Piriguete

Por Fernandinha (MG) em 25-01-2008.

Piriguete, também denominada Piri, é uma gíria brasileira que designa uma mulher que troca de parceiro sexual frequentemente.

A Piriguete tende a procurar homens comprometidos e com alto poder aquisitivo.

O termo teve origem em Salvador, capital baiana. Como esse termo foi se espalhando pelo Brasil a fora saiu uma música ou seja um funk com o termo piriguete, na música fala o que é uma piriguete. Hoje é um dos termos mais usados pelos Brasileiros quando se quer chingar [sic] uma mulher, uma garota que fica de safadeza e querendo se exhibir para os homens...

Não chega a ser uma puta e sim uma garota safadinha com os hormônios fervendo...

Uma garota tá se ensinuando [sic] para um homem, rebolando e mostrando se toda pra ele. Ai vem uma outa [sic] garota ou um outro homem e chama ela de piriguete, porque ela ta muito assanhada para o lado dele.

3. Piriguete

Por Ricardo (SP) em 06-03-2008.

²⁹ Cf. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sete_Pecados>. Acesso em: 22 dez. 2015.

Piriguete é adjetivo e substantivo feminino, também denominada Piri, é uma gíria brasileira que designa uma mulher que troca de parceiro sexual frequentemente, normalmente jovem, de acesso fácil e/ou que tem múltiplos parceiros e tem uma preocupação excessiva em exibir os nuances do seu corpo. Geralmente anda em grupos com outras moças que compartilhem [sic] os mesmos valores.

O termo teve origem em Salvador, capital da Bahia.

Você está no meio de uma festa e vê uma mina rebolando, e se aparecendo e dando em cima de todo mundo na festa, se vira pro seu amigo e fala

- se liga naquela piriguete!

6. Piriguete

Por Dicionário inFormal (SP) em 10-02-2008.

Mulher que só se diferencia de uma prostituta porque estas têm mais dignidade. Mulher de pouca inteligência que se vende por pouca coisa. Tipo: uma noitada (que sempre acaba em motel), bebida, caronas e nem de longe pensam em compromissos. Em resumo é uma mulher que você tem que ter cuidado pra não passar por otário... a não ser que correr atrás de mulher fácil seja seu “hobby”.

*Desacompanhada que te olha muito e se aproxima sem ser chamada, e muito menos paquerada, é a **piriguete**.*

7. Piriguete

Por Meiry (RJ) em 15-08-2008.

Piriguete é a mulher que dá em cima de homens comprometidos, é aquela que dá mole pra todo mundo, só anda de shortinho mesmo no frio, e em festas fica cerrando a bebida de qualquer otário que dê mole pra ela.

*Olha a roupa dela?! Ela não tá sentindo frio não?? É uma **piriguete** mesmo.*

8. Piriguete

Por Cheio da Grana (PR) em 27-03-2008.

Fazendo uma análise de todas as definições chegamos a esta.

O termo teve origem em Salvador, capital baiana. **Piriguete** é adjetivo e substantivo feminino, também denominada Piri, é uma gíria brasileira que designa uma mulher que troca de parceiro sexual frequentemente, normalmente jovem, de acesso fácil, que tenham dinheiro e carro, preferem os comprometidos.

*A **piriguete** tem uma preocupação excessiva em exibir os nuances do seu corpo. Geralmente anda em grupos com outras moças que compartilhem os mesmos valores. Não chega a ser uma puta e sim uma garota safadinha com os hormônios fervendo...*

9. Piriguete

Por Laura Ferreira (MG) em 20-07-2008.

Mulher fácil que paquera abertamente os homens, normalmente com o intuito de tirar alguma vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira.

A piriguete pediu uma cerveja para o cara sentado junto ao balcão.

10. Piriguete

Por Julião Carneiro (RJ) em 20-12-2008.

A diferença entre a puta e a piriguete é que a puta é mais honesta. Com a puta, a negociação é às claras, você sabe quanto vai custar.

Com a puta:

- Sou completinha, cem reais, vamos?

Com a piriguete:

- Oi, você vem sempre aqui? Me paga um drink? Você mora onde? Qual o seu carro? Tua namorada é ciumenta?

11. Piriguete

Por Ricardo (BA) em 12-01-2008.

É uma puta mesmo, cachorra vadia, que gosta de aparecer, e ir pra balada só pra arrumar homem, que quer um homem pra ficar bancando tudo pra ela durante a noite algumas fodem logo de cara, outras tiram uma de patricinha, mas depois de algumas saídas cae [sic] na pica do mesmo jeito.

18. Piriguete

Por Dicionário inFormal (SP) em 04-08-2008.

Aquela moça é muito atirada, pois até no frio ela anda de roupa curta. Não pode ver um homem casado que já se acanha [sic].

Parece até que está no cio.

(musica [sic] – Piriguete)

Quando ela me vê ela desce piri piri piriguete, rebola de vagar depois desce piri piri piriguete...

44. Piriguete

Por Maria Eduarda (SC) em 04-11-2008.

Piriguete é aquela marca da biquíni [sic] alta que é pra aparecer qnd [sic] a mulherada

põe calça ou saia baixa.

*Todas as funkeiras do baile tem **piriguete**.*

45. Piriguete

Por mile (SP) em 20-05-2008.

A que dá em cima do seu namorado
ou que simplesmente não enxerga, [sic] o quanto é ridícula...

*Abre o olho... **piriguetes** na área!*

47. Piriguete

Por Luiz Sebastião Favero (PR) em 28-09-2008.

Mulher fácil, que gosta de fazer espetos corridos com vários homens, catando-lhes o dinheiro.

Mulher que vai ao bailão, bem decotada, perfumada e super maquiada, geralmente usando ou uma saia justa preta com abertura na lateral até no começo da calcinha, meia de nylon toda rendada e sapatos de salto alto.

48. Piriguete

Por Martins (RN) em 31-08-2008.

Putá Pobre.

*Essa menina e [sic] maior **piriguete**.*

50. Piriguete

Por luiz pucú (RJ) em 28-09-2008.

É estar “a perigo”, sem grana, sem mulher.

*- O sujeito estava num **piriguete** que fazia dó!*

52. Piriguete

Por Marcelo (AC) em 09-02-2008.

Mulher linda e sensual que todos desejam mas poucos tem [sic] o prazer de conquistar.
Eu curto muito as **piriguetes** e amo elas [sic] de paixão.

*Minha **piriguete** adora sair de mini saia e atiçar os outros machos.*

53. Piriguete

Por Aristides S. Bernardo (SP) em 10-03-2008.

Estar atrasado em relação a sexo “estou a piriguete”.

Pessoa que está muito tempo sem fazer sexo.

Uma análise inicial permite-nos dizer também que os verbetes 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 47 e 48 – ou seja, nove dos dezesseis verbetes produzidos em 2008 – designam a unidade lexical “piriguete” a partir de uma correlação entre comportamento feminino e aspecto econômico. Para esses verbetes, a falta de dinheiro está igualmente relacionada ao comportamento feminino descrito por eles.

Vejamos de que forma. O verbete 2 designa “piriguete” como a mulher que “tende a procurar homens comprometidos e com alto poder aquisitivo”; o verbete 6 designa “piriguete” como a mulher que possui “pouca inteligência” e “que se vende por pouca coisa”. Aqui, é importante notar que um dos efeitos de sentido produzidos pelo verbete 6 diz respeito a um sentimento de reprovação causado não pelo fato de a mulher prostituir-se, mas pelo fato dela fazê-lo por “pouca coisa”, ou seja, por um preço irrisório, devido à “pouca inteligência”.

Continuando a análise, o verbete 7 designa “piriguete” como a mulher que “em festas fica cerrando a bebida de qualquer otário que dê mole pra ela”; o verbete 8 designa “piriguete” como a mulher que prefere homens “que tenham dinheiro e carro”; o verbete 9 designa “piriguete” como a mulher que possui o “intuito de tirar alguma vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira”; o verbete 10, ao comparar a piriguete à puta, diz que esta é “mais honesta”, pois com ela a negociação é “às claras, você sabe quanto vai custar”.

As injúrias continuam. O verbete 11 designa “piriguete” como “uma puta mesmo, cachorra vadia”, que deseja “um homem pra ficar bancando tudo pra ela durante a noite”; o verbete 47, por sua vez, designa “piriguete” como a mulher que deseja vários homens para pegar-lhes o dinheiro; finalmente, o verbete 48 designa “piriguete” como “puta pobre”.

Além desses verbetes, outros dois merecem ser citados. São eles: os verbetes 50 e 52. O primeiro designa “piriguete” como a situação em que se está “sem grana, sem mulher”. Já o segundo designa “piriguete” como a “mulher linda e sensual que todos desejam mas poucos tem [sic] o prazer de conquistar”. Este verbete, assim como os demais, não deixa de

reproduzir o discurso machista, pois pressupõe que a mulher, vista a partir de aspectos físicos (beleza e sensualidade), deve ser conquistada pelo homem.

No próximo item, tomaremos a unidade lexical “piriguite” a partir dos elementos de análise operacionais discutidos em 2.2 Pressupostos da lexicologia aplicados à lexicografia, que se encontra no capítulo 2. Constituição do referencial teórico. São eles: a sinonímia³⁰, a hiperonímia, a significação primária e secundária, os campos lexicais e a definição (NUNES, 2006).

5.4 Identificação e descrição da unidade lexical “piriguite”

5.4.1 Sinonímia e antonímia

Num primeiro momento, iremos descrever a unidade lexical “piriguite” a partir das relações de sinonímia e antonímia apresentadas no *Dicionário inFormal*, onde é possível encontrar o seguinte:

Sinônimos de *Piriguite*: cachorra, puta, serrona, vadia, prostituta, pirigueti, oferecida, assanhada, vagabunda, pilantra, aproveitadora, gatinha, mulher encantadora, deusas, diva, safada, interesseira, menina, garota, mulher, aparecida, burra, marafona, biscate, pirigas puxando uma cachorrinha, pindaiba [sic], zoneira, vaca, putinha, lindinha do pedaço, vulgar, ouriçada sekerendo, saidinha, impactogirl, mulher fácil facil [sic], quenga, passa fome, sem futuro, galinha, vdia dada [sic], bioscate atirada [sic], piri, vasilhame, piranha.

Antônimos de *Piriguite*: vagabundo, descarado, mulher, sirigaita, baranga, barriada, bandida, virtuosa, inteligente, puta feliz numa boa, enjoada, séria, difícil, comportada, recatada, tímida, comprometida, mulher comportada, mulher de respeito, legal, princesa, santa, mulher decente e boazinha, vadia, vagabunda.

Palavras relacionadas a [sic] *Piriguite*: vadia, mulher facil [sic], mulher fácil, oferecida, astúcia, beleza, carisma, dinheiro, carro, festa, night, adjetivo e substantivo feminino, vulgar, fácil, jovem sem-caráter, aproveitadora, puta-sem-salário, piri, piriguite, safada, substituta, puta, piranha, kenga, prosti, vaca a perigo, pindaiba [sic], dadeira, dá bocada, ouriçada, sekerendo, saidinha, impactogirl, prostituta, quenga, passa fome, comportamento, menina, biscate, ousadia, dada, mulher inadequada, solteira, intereçeira [sic], galinha, garota, promiscuidade, insinuação, decadência moral, abaetetuba, vagabunda, pegar geral, cachorra, boquete, garafa [sic], cerveja.

³⁰ Acrescentaremos a antonímia.

Considerando que a sinonímia se estabelece mediante “relações na horizontalidade da língua” (NUNES, 2006, p. 154), temos, no *Dicionário inFormal*, a imagem de uma língua cujo léxico é abundante – e, por isso mesmo, essa língua é chamada de “abundância” (NUNES, 2006, p. 154). Não estamos diante de verbetes cuja língua apresenta léxico conciso, dando-nos a ideia de “justeza” (NUNES, 2006, p. 154). Pelo contrário, estamos diante de uma “profusão de sinônimos” (NUNES, 2006, p. 154), o que explicaria a dificuldade de procedermos a uma análise exaustiva da unidade lexical “piriguete”. É o que podemos ver nos quadros a seguir:

Quadro 1

<i>Piriguete</i>	
Sinônimo	Antônimo
vadia (2x)	difícil
assanhada	comportada
vagabunda (3x)	recatada
safada (2x)	tímida
biscate (2x)	comprometida
saidinha (2x)	mulher comportada
impactogirl (2x)	mulher de respeito
mulher fácil facil [sic]	
mulher fácil	
mulher facil [sic]	
quenga (2x)	
kenga [sic]	
vdia dada	
bioscate atirada [sic]	
sirigaita	
substituta	
dadeira	
dá bocada	
ouraçada	
sekerendo [sic]	
solteira	
dada	
promiscuidade	
insinuação	
pegar-geral	

No quadro 1, nota-se que o *Dicionário inFormal* é um dicionário no qual o falante apropria-se da língua ao seu próprio modo, sem considerar a norma padrão estabelecida pelos dicionários tradicionais. A língua “já não vem mais pronta nem descrita por alguém que detém um saber que ele (falante) não detém, mas que pode também ser interpretada e descrita por ele, num gesto de reflexão sobre sua própria prática linguística” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p. 270). Nesse sentido, têm-se registrado as palavras “quenga” e “kenga”. Caso similar diz respeito à palavra “sekerendo”, que advém da expressão “toda se querendo”, cuja

designação do *Dicionário inFormal* é “quando a mulher está toda se oferecendo/insinuando para o homem, toda fácil”³¹.

Não menos interessante é a palavra “solteira”, que se contrapõe à palavra “comprometida”. Aqui, “solteira” significa a partir da formação discursiva sexual, por isso ela está relacionada às expressões “pegar-geral” e “mulher fácil facil”, que operam em oposição às expressões “mulher comportada” e “mulher de respeito”, cuja formação discursiva constitui-se em oposição a outras formações discursivas, como por exemplo a formação discursiva cristã, que faz significar de outro modo “solteira”, “comprometida”, “mulher comportada” e “mulher de respeito”. De acordo com a maioria dos verbetes do *Dicionário inFormal*, “piriguete” designa a mulher que não é “difícil”, “tímida” e “recatada”. Por isso mesmo, ela é “saidinha”, “assanhada” e “safada”.

Quadro 2

<i>Piriguete</i>	
Sinônimo	Antônimo
baranga	mulher encantadora deusas diva lindinha do pedaço beleza

O quadro 2 mostra-nos uma contradição, fruto da disputa pela verdade entre os interlocutores no discurso polêmico (ORLANDI, 1983). Para a maioria dos verbetes registrados no *Dicionário inFormal*, “piriguete” designa a mulher que não é bela. Assim temos registrado “baranga”, que se contrapõe, por exemplo, às expressões “mulher encantadora” e “lindinha do pedaço”.

Quadro 3

<i>Piriguete</i>	
Sinônimo	Antônimo
cachorra (2x) vaca vaca a perigo galinha (2x) piranha (2x)	gatinha

O quadro 3 mostra-nos que, segundo a conjuntura social, a palavra “piriguete” designa a mulher que possui um comportamento sexual reprovável. E isso se dá na medida em que “piriguete”, sob a formação discursiva sexual, possui como sinônimo: “cachorra”, “vaca”,

³¹ Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/toda%20se%20querendo/>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

“vaca a perigo”, “galinha” e “piranha”. Seu antônimo é “gatinha”, cujo sinônimo é “lindinha do pedaço”, presente no quadro 2.

Quadro 4

<i>Piriguete</i>	
Sinônimo	Antônimo
burra	inteligente

O quadro 4 mostra-nos que “piriguete” designa a mulher “burra”. Em outras palavras, para usarmos uma palavra que está registrada no *Dicionário inFormal*, “piriguete” designa a mulher que não é “inteligente”.

Quadro 5

<i>Piriguete</i>
Sinônimo
puta (2x) prostituta (2x) prosti putinha puta feliz numa boa puta-sem-salário

Segundo o quadro 5, “piriguete” possui como sinônimos nomes relacionados à prostituição, como “puta” e “prostituta”. Aqui, é importante notar que esses nomes se relacionam, por um lado, a uma atividade profissional e, por outro, também se relacionam a uma condição sócio-econômica (“puta-sem-salário”). Isso nos mostra a heterogeneidade da formação discursiva, que nesse caso opera o discurso profissional atravessado pelo discurso sócio-econômico, como vimos no quadro 5. Os verbetes do *Dicionário inFormal* não trazem como sinônimo a expressão “garota de programa”. E, todavia, este não-dito é importante, no sentido de que “piriguete” não designa a mulher que faz programa. Na sociedade – lembremos disso – ser uma prostituta é diferente de ser uma garota de programa.

Quadro 6

<i>Piriguete</i>
Sinônimo
serrona pilantra aproveitadora (2x) interesseira intereçeira [sic] bandida jovem sem-caráter

O quadro 6 mostra-nos que “piriguete” designa a mulher cujo comportamento é guiado pelo interesse econômico, no sentido de que “piriguete” refere-se à mulher “pilantra”, à mulher “bandida”, à mulher “aproveitadora” e “interesseira”. Além disso, “piriguete” designa “jovem sem-caráter”. Os efeitos de sentido produzidos por “piriguete” estão inscritos em uma formação discursiva econômica atravessada por uma formação discursiva social. Sendo assim, “piriguete” designa não apenas a mulher que pauta sua conduta a partir do interesse econômico: “piriguete” designa a mulher que torna a convivência impossível. Em outras palavras, “piriguete” designa a mulher que satisfaz conscientemente um apetite pessoal em detrimento da convivência. Esse comportamento não se configura nos verbetes de tal modo que pudéssemos considerar a mulher vítima de uma contradição social. Pelo contrário, esse sentido é silenciado. Se “piriguete” designa a mulher “pilantra”, “bandida”, “aproveitadora” e “interesseira”, é porque ela é, segundo a posição sustentada, “sem-caráter”.

Quadro 7

<i>Piriguete</i>
Sinônimo
pindaíba (2x) vulgar (2x) passa fome sem futuro puta-sem-salário

O quadro 7 mostra-nos que “piriguete” designa a mulher que “passa fome”. Nessa situação, sua fonte de renda é a prostituição, cujo salário e perspectiva são ruins, como vemos em “puta-sem-salário” e “sem futuro”. No que diz respeito a essa última expressão, ela equivale à expressão “sem um bom futuro”. Dito de outra maneira, “piriguete” designa a mulher que se encontra na “pindaíba” [*sic*] e não pode, devido a isso, voltar-se para o amanhã (futuro).

Quadro 8

<i>Piriguete</i>
Sinônimo
dinheiro carro festa night garafa [<i>sic</i>] cerveja

O quadro 8 mostra-nos que “piriguete” está relacionada às palavras “dinheiro”, “carro”, “festa”, “night”, “garafa” [*sic*] e “cerveja”. Nota-se aqui uma formação discursiva atravessada pelo discurso hedonista. Segundo esse discurso, “piriguete” designa a mulher

entregue aos prazeres, sejam eles proporcionados ou não por bens materiais, os quais estão resumidos nas palavras “festa” e “night”. *Sair para uma festa*, vale notar, não é a mesma coisa que *sair para a night*. Estes enunciados significam de modos diferentes, segundo as formações discursivas em que cada um deles se inscreve. De certa maneira, “night” implica “balada”, que implica “festa”, mas uma festa não é, necessariamente, uma balada, e vice-versa.

Quadro 9

<i>Piriguite</i>
Sinônimo
boquete

O quadro 9 mostra-nos que a palavra “piriguite” designa a mulher que faz “boquete”. E dizer “boquete” não é o mesmo que dizer “sexo oral”. Há algo nesta expressão que não está presente naquela palavra. A variante produz como efeitos de sentido a transgressão da norma. Nesse sentido, “piriguite” designa a mulher que não faz parte do grupo das mulheres que praticam sexo oral (de acordo com a norma, com o padrão), mas sim “boquete” (em desacordo com a norma, com o padrão).

Quadro 10

<i>Piriguite</i>	
Sinônimo	Antônimo
decadência moral	virtuosa séria mulher decente e boazinha

O quadro 10 mostra-nos que “piriguite” designa a mulher representante da “decadência moral”, e por isso ela se opõe à mulher “séria”, “virtuosa”, “decente e boazinha”, que representaria a moralidade. Aqui, é importante destacar que a mulher “decente e boazinha” faz parte do grupo das mulheres representantes da moralidade. Portanto, uma mulher que não é “decente e boazinha” não faz parte desse grupo. Convém ainda notar que uma mulher “boazinha” não é o mesmo que uma mulher “boa”. Os efeitos de sentido produzidos por “boazinha” estão direcionados ao papel da mulher na família. Um deles diz respeito ao fato de a mulher “fazer tudo pelo marido e pelos filhos”, “ser uma ótima mãe, esposa e dona de casa”, etc. Sendo assim, “piriguite” designa a mulher que “não faz/não pode fazer tudo pelo marido e pelos filhos”, “não é/não pode ser uma ótima mãe, esposa e dona de casa”, etc.

Quadro 11

<i>Piriguete</i>
Antônimo
santa

O quadro 11 mostra-nos que “piriguete” designa a mulher que se opõe à “santa”. Essa palavra se inscreve na formação discursiva cristã, que produz, entre outros efeitos de sentido, o de pessoa que vive o evangelho de Jesus Cristo – e, portanto, não se entrega aos prazeres (quadro 1, 3 e 8) nem cobiça bens alheios (quadro 6).

5.4.2 Hiperonímia

Analisemos agora a hiperonímia. De acordo com Nunes (2006, p. 155), ela trabalha “as relações de verticalidade da língua”. Para isso, a hiperonímia liga unidades a conjuntos e estabelece dominâncias e subordinações (NUNES, 2006).

Começemos com os verbetes de 2007. No verbete 1, “piriguete” tem por hiperônimo “mulher fácil”; no verbete 4, encontramos “mulher que tem um fogo muito alto, que toma o homem da amiga, e quanto mais homens pra ela melhor”; no verbete 5, além de “mina”, encontramos “sexy”, “fiel” e “substituta”; no verbete 12, encontramos “exigentes”; no verbete 22, encontramos “puta”; no verbete 51, encontramos “garotas pobres”; finalmente, no verbete 54, encontramos “mulher bonita”, “inteligente”, “astuciosa” e “carismática”, que “encanta a todos com sua belza [*sic*] e simpatia”.

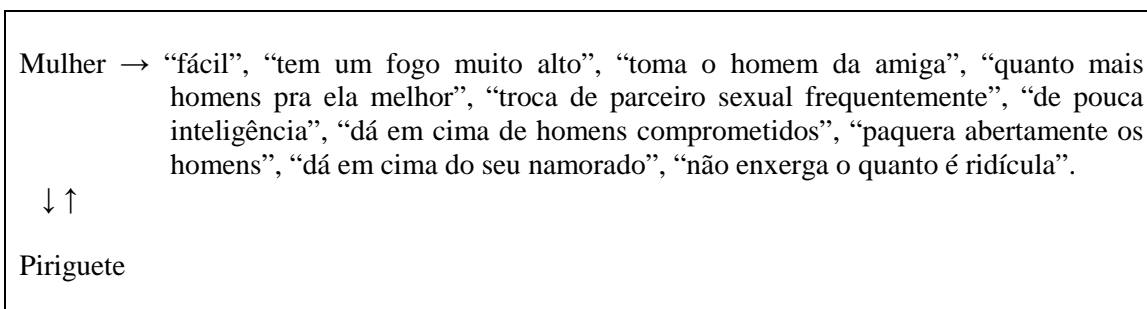
Nos verbetes de 2008, as condições de funcionamento do léxico são praticamente as mesmas. No verbete 2, “piriguete” tem por hiperônimo “mulher que troca de parceiro sexual frequentemente”; em seguida, lemos: “Não chega a ser uma puta e sim uma garota safadinha com os hormônios fervendo...”. No verbete 3, encontramos “mulher que troca de parceiro sexual frequentemente”; em seguida, lemos: “normalmente jovem” e “geralmente anda em grupo com outras moças que compartilhem [*sic*] os mesmos valores”. No verbete 6, encontramos “mulher de pouca inteligência”; no verbete 7, encontramos “mulher que dá em cima de homens comprometidos”; no verbete 8, encontramos a mesma informação apresentada pelos verbetes 3 e 6; no verbete 9, encontramos “mulher fácil que paquera abertamente os homens”; por sua vez, no verbete 10 encontramos “puta”.

Façamos aqui um parênteses. O verbete 10 diz que “puta” designa a mulher “mais honesta” quando comparada à mulher designada por “piriguete”, pois, com aquela, a

“negociação é às claras, você sabe quanto vai custar”. Em outras palavras, a relação entre “piriguete” e “puta” é de oposição, não de semelhança. Isso nos permite afirmar que “piriguete” possui como sinônimos não-ditos sobre “puta”. Se “puta” designa a mulher que “vende seu corpo”, este entendido como objeto de prazer sexual, como podemos ver em “você sabe quanto vai custar”, “piriguete” designa o quê? De acordo com o verbete 10, designa a mulher que também vende seu corpo, porém não sabemos o quanto vai custar. Isso porque um dos efeitos de sentido produzidos pelo verbete 10 diz respeito ao sentido segundo o qual “piriguete” designa a mulher que deseja obter a maior quantia possível de dinheiro, senão toda ela, em troca de sexo. Por isso, ela não é para o locutor do verbete 10 tão honesta quanto a mulher designada por “puta”.

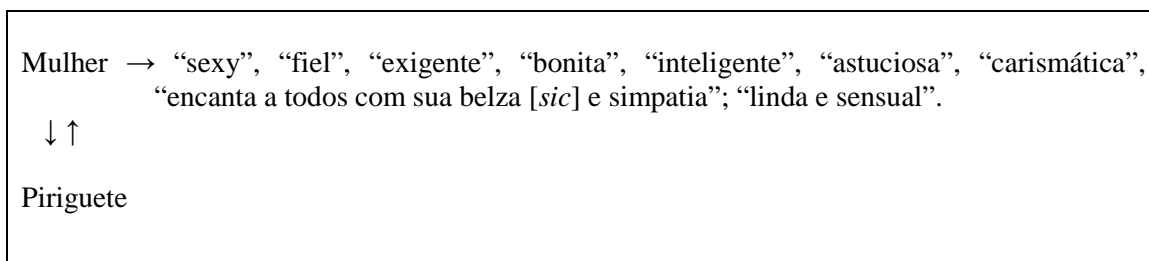
As relações de hiperonímia continuam. No verbete 11, “piriguete” tem por hiperônimo “puta” e “cachorra vadia”; no verbete 18, encontramos “moça”; no verbete 44, encontramos “aquela marca da biquíni [sic] alta que é pra aparecer qnd [sic] a mulherada põe calça ou saia baixa”; no verbete 45, encontramos “a que dá em cima do seu namorado ou que simplesmente não enxerga, [sic] o quanto é ridícula...”. No verbete 47, tal como no verbete 1, encontramos “mulher fácil”; no verbete 48, encontramos “puta pobre”; no verbete 50, não há nenhum hiperônimo; no verbete 52, encontramos “mulher linda e sensual”; finalmente, não há nenhum hiperônimo no verbete 54.

Como se pode ver nos verbetes da unidade lexical “piriguete” produzidos entre 2007 e 2008 no *Dicionário inFormal*, o movimento da hiperonímia ocorre predominantemente em torno da palavra “mulher”. Dito de outra forma, “piriguete” tem por hiperônimo “mulher”. No entanto, não se trata apenas disso. “Piriguete” mantém relações de subordinação com “mulher fácil”, “mulher que tem um fogo muito alto”, etc. Vejamos como ficam essas relações no quadro a seguir:



A seta para cima (↑) indica que “piriguete” tem por hiperônimo “mulher”; a seta para baixo (↓) indica que “mulher” tem por hipônimo “piriguete”; finalmente, a seta para a

direita (→) indica as palavras cuja formação discursiva remete ao discurso machista que condena a mulher. Por conseguinte, esse movimento da hiperonímia entra em disputa com outro segundo o qual “piriguite” está subordinada ao conjunto da mulher “bonita”, “inteligente”, “astuciosa”, etc. Vejamos:



A seta para cima (↑) indica que “piriguite” tem por hiperônimo “mulher”; a seta para baixo (↓) indica que “mulher” tem por hipônimo “piriguite”; finalmente, a seta para a direita (→) indica as palavras cuja formação discursiva remete não a um discurso machista que condena a mulher, mas a um discurso machista que a toma como objeto de prazer sexual. Por sua vez, este discurso opõe-se a um outro não machista. Vejamos de que maneira.

Se “piriguite”, no movimento anterior, estava sob o jogo de uma discursividade que condenava a mulher, “piriguite”, neste segundo movimento, está sob o jogo de uma discursividade que não condena a mulher. Em outras palavras, “piriguite”, por um lado, designa a mulher “linda e sensual”, que “encanta a todos com sua belza [sic] e simpatia”. Com isso, tem-se a presença de um discurso machista que toma a mulher como objeto de prazer sexual. Por outro lado, “piriguite” designa a mulher “inteligente” e “exigente”. Com isso, tem-se a presença de um discurso que toma a mulher não a partir de aspectos estéticos, mas a partir de aspectos intelectuais. De acordo com esse discurso, “piriguite” designa a mulher inteligente e exigente. Trata-se de um discurso não machista.

Isso não é tudo. Nos processos de estruturação da palavra “piriguite”, as condições de funcionamento do léxico se dão a partir de outras discursividades, pois é possível notar que “piriguite” mantém relação com “mina”, “substituta”, “puta”, “garotas pobres”, “garota safadinha com os hormônios fervendo”, “jovem”, “moça(s)”, “cachorra vadia”, “aquela marca da biquíni [sic] alta que é pra aparecer qnd [sic] a mulherada põe calça ou saia baixa” e “puta pobre”. Com isso, mais uma vez, vemos a presença do discurso polêmico, no qual predomina a injúria e a verdade é disputada pelos interlocutores (ORLANDI, 1983).

5.4.3 Significação primária e secundária

Neste item, distinguiremos a denotação da conotação, o sentido próprio do figurado, o concreto do abstrato, e assim estabeleceremos um princípio de relação, tendo por base o estado discursivo das palavras usadas na designação da unidade lexical “piriguete”.

Em linhas gerais, considerando os verbetes produzidos no *Dicionário inFormal* entre 2007 e 2008, há seis tipos deles. No primeiro, tem-se definição e exemplo denotativos (verbetes 2, 3, 8, 9, 10, 18, 22, 44, 48, 50 e 53). No segundo, tem-se definição e exemplo conotativos (verbetes 4 e 47). No terceiro, tem-se definição denotativa e exemplo conotativo (verbetes 1 e 52). No quarto, tem-se definição conotativa e exemplo denotativo (verbetes 6, 7, 12, 45, 51 e 54). No quinto, tem-se definição conotativa, mas não se tem nenhum exemplo (verbeta 11). No último, fica-se na dúvida se o verbete, que está marcado pela conotação, apenas possui definição ou se ele apenas possui exemplo (verbeta 5).

Analise os verbetes com definição e exemplo denotativos. Nesses verbetes, predomina o modo verbal indicativo. Quanto aos tempos verbais, predomina o presente e o pretérito perfeito, que cria efeitos de sentido próprios da narrativa. Os exemplos mais interessantes a esse respeito são os verbetes 2, 3, e 8, pois todos eles fazem menção a Salvador, capital da Bahia, onde teria surgido a unidade lexical “piriguete”. Quando o verbete não possui o tempo verbal pretérito perfeito do modo indicativo, ele possui o tempo verbal presente do modo indicativo (verbeta 53).

No verbete 4, a definição e o exemplo são conotativos por causa da metáfora³². Segundo este verbete, “piriguete é aquela mulher que tem um fogo muito alto”. Além disso, ela “dá em cima” de homens comprometidos. A expressão “dá em cima” é uma metáfora convencional, isto é, uma metáfora tão usual que nos passa despercebida; ela se contrapõe à metáfora original, encontrada com mais frequência em gêneros do discurso ligados à literatura (SARDINHA, 2007). “Fogo muito alto” é metáfora de “desejo sexual muito intenso”, e “dá

³² Não discutiremos o processo constitutivo da metáfora; apenas destacamos que ela, neste trabalho, é vista a partir da construção enunciativa do sentido (GUIMARÃES, 2011). Retomando Lakoff e Johnson (apud SARDINHA, 2007) para nos contrapormos a esses dois autores, não tomamos a metáfora como uma forma de conceituar o mundo e compartilhar nosso conhecimento. Segundo Guimarães (2011, p. 370), a metáfora produz uma “partilha do real”, ela dá ao mundo sentido e “assim podemos falar dele” (GUIMARÃES, 2011, p. 370). Esta perspectiva permite-nos observar que os modos de dizer e o que se dizem no enunciado são distribuídos segundo uma divisão desigual do real, isto é, pelo político, “caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos” (GUIMARÃES, 2002, p. 16). Nesse sentido, afastamo-nos de Lakoff e Johnson (apud SARDINHA, 2007), para quem a metáfora, sendo um fenômeno cognitivo, reflete nossa experiência, e situamo-nos na posição teórica segundo a qual o conhecimento não é compartilhado.

em cima” é metáfora de “paquera”. Nos demais verbetes, a conotação está presente, ou apenas na definição, ou apenas no exemplo.

Além do verbete 4, a conotação está presente na definição dos verbetes 12 (“Piriguite não tem só matriz, tem filiais”, “Piriguite qdo [sic] leva chifre, devolve”, “Piriguites não são galinhas”), 51 (“[piriguites] são atraídas pelo cheiro de gasolina³³”) e 54 (“[piriguite] desperta inveja das concorrentes”). Aqui, tem-se outro exemplo de metáfora convencional, responsável por atribuir à palavra “inveja” uma característica dos seres humanos. No caso em questão, a característica é a ação de despertar.

A conotação está igualmente presente na definição dos verbetes 1 (“você é feio e passou uma gatinha”), 4 (“Você tem uma namorada e a amiga dela dá em cima de você”), 5 (“[piriguite é] um cinco sete de marido”, “[ela] vem na sedução/ essa noite vai ser/ quente/ eu vou dar pressão”), 6 (“[noitada] que sempre acaba em motel³⁴”), 7 (“[piriguite] dá em cima de homens comprometidos”, “dá mole pra todo mundo”, “em festas fica cerrando a bebida de qualquer otário que dê mole pra ela”), 11 (“[piriguite é] cachorra vadia”, “outras [piriguites] tiram uma de patricinha, mas depois de algumas saídas cae [sic] na pica do mesmo jeito”), 45 (“[piriguite] dá em cima do seu namorado”), 47 (“[piriguite é] mulher fácil, que gosta de fazer espetos corridos com vários homens”) e 52 (“[piriguite] adora atçar os outros machos”).

Estabelecida a significação primária e secundária, é possível notar, no interior do funcionamento linguístico, a predominância do sentido denotativo sobre o sentido conotativo, e também a predominância do sentido concreto sobre o sentido abstrato. Por conseguinte, os efeitos de sentido criados pelos verbetes da unidade lexical “piriguite” são o de verdade sobre o comportamento sexual da mulher, ou seja, como vimos em 5.4.1 Sinonímia e antonímia e 5.4.2 Hiperonímia, “piriguite” designa a mulher tida como objeto de prazer sexual. E isso ocorre porque, nos verbetes, o homem é posto no centro das relações sócio-econômicas e culturais.

Vejamos dois exemplos, os verbetes 1 e 4. Mesmo quando o enunciador é designado por um nome feminino, é para um destinatário masculino que os exemplos desses dois verbetes se voltam:

³³ Trata-se de uma metonímia já analisada.

³⁴ “Motel” é metonímia de “sexo”.

Verbete 1: *Você é feio, passou uma gatinha e viu que você está com dinheiro ou tem carro e está te paquerando... caia fora, é uma **PIRIGUETE**.*

Verbete 4: *Você tem uma namorada e a amiga dela dá em cima de você.*

Para o enunciador do verbete 1, Geisa Barros, “piriguete” designa a mulher em busca do homem que possui dinheiro ou carro. Segundo este enunciador, uma mulher bonita (“uma gatinha”) não paquera um homem feio. Este enunciado constrói-se a partir de outro segundo o qual mulher bonita paquera homem bonito, e mulher feia paquera homem feio. Quando uma mulher bonita paquera um homem feio, quebra-se a relação de equivalência entre os dois. O sentido de normalidade se desfaz e, em seu lugar, constrói-se o sentido de anormalidade. Em outras palavras, a relação é desproporcional para a mulher bonita, que busca compensar essa desigualdade usufruindo os bens materiais (dinheiro ou carro) do homem feio. No verbete 1, a mulher designada pela unidade lexical “piriguete” não faz parte do grupo das mulheres cujo comportamento é tido como normal.

Outro comportamento considerado negativamente encontra-se no verbete 4. Neste verbete, o enunciador, Daniela, dirige-se também a um destinatário masculino. Ao contrário do exemplo anterior, não há aqui nenhuma relação entre “piriguete” e bens materiais, como dinheiro ou carro. Desta vez, “piriguete” designa a mulher que “dá em cima” do namorado da amiga. O sentido de normalidade é, portanto, outro. Para o verbete 4, normal é não “dar em cima” do namorado da amiga. Mais uma vez, “piriguete” designa a mulher cujo comportamento rompe com o sentido de normalidade.

Assim, podemos ver o modo como os verbetes 1 e 4 funcionam. Uma coisa é considerar um comportamento errado, outra é considerá-lo anormal. Em alguns casos, um erro pode ser considerado normal, uma vez que ele pode fazer parte do processo de aprendizagem (daí o famoso enunciado “Errar é humano”). Por sua vez, considerar um comportamento anormal produz outros efeitos de sentido, dentre os quais o de que ele se repetirá. É o caso dos efeitos de sentido produzidos pelos verbetes 1 e 4.

5.4.4 Campos lexicais

Segundo Nunes (2006, p. 156), os campos lexicais caracterizam-se como uma “série de fatos sociais” que determinam as relações lexicais. Em outras palavras, as relações

lexicais constituem-se a partir de processos nos quais a significação é determinada pelo “lugar que os sujeitos ocupam frente a seus interlocutores” (NUNES, 2006, p. 157).

Para a análise dos campos lexicais, delimitaremos duas séries de unidades lexicais e as colocaremos em relação; em seguida, traçaremos as fronteiras que identificam e constituem os campos lexicais (NUNES, 2006). Durante a análise, pressuporemos a “existência da polissemia, das contradições, das ambigüidades, dos efeitos de sustentação e de silenciamento” na constituição das relações lexicais (NUNES, 2006, p. 156).

Iniciemos com a série formada por “piriguete”, “piriguetar” e “piriguetinismo”, que estão na tabela 1. Nessa série, como se pode ver, temos um adjetivo, um verbo e um substantivo. Para a definição de “piriguete”, utilizaremos o verbete 9:

9. Piriguete

Por Laura Ferreira (MG) em 20-07-2008.

Mulher fácil que paquera abertamente os homens, normalmente com o intuito de tirar alguma vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira.

A piriguete pediu uma cerveja para o cara sentado junto ao balcão.

Note-se que a expressão “mulher fácil” opõe-se à palavra “difícil”. Como se pode notar, “difícil”, no quadro 1, mantém relações de sinonímia com “comportada”, “recatada”, “tímida”, “comprometida”, “mulher comportada” e “mulher de respeito”. Além disso, “mulher fácil” mantém relações de sinonímia com várias palavras do quadro 1, dentre elas, “vadia”, “assanhada” e “vagabunda”, que formam um espaço de silenciamento com ocorrências do tipo “A mulher é igual ao homem”. Exemplo: “A piriguete não é tímida” vs. “A piriguete é assanhada”. Neste caso, “não é tímida” é sinônimo de “é assanhada”, que é sinônimo de “não é mulher comportada” e de “não é mulher de respeito”. Quanto à polissemia, ela pode ser ilustrada a partir da seguinte situação. Voltemos ao exemplo do verbete 9, “A piriguete pediu uma cerveja para o cara sentado junto ao balcão”, e acrescentemos o enunciado “Ela não é tímida”, cujo sentido, por um lado, poderá ser “A piriguete tem atitude”, “A piriguete sabe o que quer”, e, por outro, poderá ser “A piriguete é assanhada”, “A piriguete é uma vadia”, etc. Nesse caso, dizemos que o enunciado “Ela não é tímida” é polissêmico, ou seja, ele possui vários sentidos relacionados não apenas à estrutura do enunciado, mas relacionados à “história dos sentidos” do próprio enunciado (GUIMARÃES, 2006, p. 120).

Vejamos agora a definição de “piriguetar”³⁵:

2. Piriguetar

Por Dicionário inFormal (SP) em 05-12-2008.

Ir atrás de piriguite, zuar [*sic*], farra.

Joaquim já foi piriguetar na festa da cidade...

Ao contrário do verbete 9, cuja designação de “piriguite” é “mulher fácil que paquera abertamente os homens”, a designação de “piriguetar” é, no verbete 2, “ir atrás de piriguite, zuar [*sic*], farra”. Os efeitos de sentido são, no verbete 9, pejorativos. No verbete 2, eles não o são. Isso porque o sintagma verbal “ir piriguetar” pede um argumento, “Joaquim”, ao qual é acrescentado o papel temático de agente (aquele que vai piriguetar). Como aquele que vai piriguetar é um agente masculino (e não feminino), ele não está sujeito à formação discursiva que o outro estaria. Conclusão: a mulher é condenada por paquerar abertamente os homens, mas estes não são condenados por irem “atrás de piriguite” para “zoar”, “farrear”.

Por fim, vejamos a definição de “piriguetinismo”³⁶:

1. Piriguetinismo

Por Abraham (SP) em 23-04-2013.

Piriguetinismo, a arte de piriguetar. Quando a mulher abusa do conceito o que é ser uma mulher sensual, mais conhecidas como piriguetes.

Está mulher é muito piriguite.

Neste verbete, “piriguetinismo” designa a expressão “arte de piriguetar”, que está relacionada, por sua vez, ao enunciado “Quando a mulher abusa do conceito o que é ser uma mulher sensual, mais conhecidas como piriguetes”. Aqui, “mulher sensual” designa “mais conhecidas como piriguetes”. Dessa relação, pressupõe-se que “piriguite” designa “mulher sensual”.

Quando comparados, os efeitos de sentido produzidos por “piriguite”, “piriguetar” e “piriguetinismo” são contraditórios entre si. A série formada por “piriguite”, “piriguetar” e “piriguetinismo” revela-nos que as relações lexicais em torno dessas palavras

³⁵ Acesso em: 05 jan. 2016.

³⁶ Acesso em: 05 jan. 2016.

são constituídas por processos distintos. Isso porque as condições enunciativas determinam, a seu modo, as fronteiras dos campos lexicais (NUNES, 2006). Exemplos: no verbete 9, “piriguete” possui um espaço de sustentação com ocorrências do tipo “O homem não deve corresponder à paquera da piriguete, pois ela procura dar-se bem financeiramente”, “Piriguete não presta”, etc. No verbete 2, “piriguetar” possui um espaço de sustentação com ocorrências do tipo “Faz parte do comportamento masculino ir atrás de piriguete para zoar e farrear”, “O homem pode zoar e farrear; a mulher, porém, não”³⁷, etc. No verbete 1, “piriguetinismo” possui um espaço de sustentação com ocorrências do tipo “Nem todas as mulheres são sensuais”, “Algumas mulheres conhecem a arte de abusar de sua sensualidade”, etc.

Passemos agora para a série formada por “piriguete”, “pindaiba” [*sic*], “passa-fome” e “puta-sem-salário”. No quadro 7, “piriguete” mantém relações de sinonímia com essas unidades lexicais. Por conseguinte, essas relações sustentam os enunciados do verbete 51:

51. Piriguete

Por Franklin Lima (RJ) em 14-11-2007.

Garotas pobres que fazem sexo em troca de status, são atraídas pelo cheiro de gasolina. Adoram festas e se embriagam facilmente.

Maria estava acompanhada de outra que fazia programa no Leblon.

Note-se que a expressão “garotas pobres” opõe-se ao item lexical “Leblon”, onde (segundo o exemplo do verbete) “Maria estava acompanhada de outra que fazia programa”. A expressão “garotas pobres” pode ser substituída por qualquer unidade lexical da série formada por “piriguete”, “pindaiba” [*sic*], “passa-fome” e “puta-sem-salário”. De início, “piriguete” designa “garotas pobres”, que passa a manter relações com “pindaiba” [*sic*], “passa-fome” e “puta-sem-salário”. Nesse campo lexical, temos um espaço de sustentação com ocorrências do tipo “Piriguete é uma puta-sem-salário, por isso faz programa no Leblon, bairro nobre da zona sul do Rio de Janeiro”. Nesse mesmo campo, formam-se também espaços de silenciamento com ocorrências do tipo “O Rio de Janeiro é uma cidade onde há desigualdade social”, “No Brasil, muitas mulheres são submetidas à prostituição”, etc.

Com os campos lexicais, podemos ver, mais uma vez, a designação da mulher como objeto de prazer sexual do homem, que ocupa o centro das relações sócio-econômicas e

³⁷ Estamos diante de um espaço de oposição e contradição.

culturais na sociedade. É isto que condiciona a formação das duas séries, as quais constituem o “horizonte de possibilidades” dos campos lexicais (NUNES, 2006, p. 157).

5.4.5 A definição

Chegamos ao último elemento de análise. Nesse item, levaremos em conta a dimensão discursiva das definições, na qual estão ligados o léxico, a sintaxe e a enunciação (NUNES, 2006).

Considerando a definição, tal como diz Nunes (2006, p. 157), um “sintagma nominal mais ou menos estendido”, observaremos de que modo a hiperonímia funciona nas definições da unidade lexical “piriguite”. Em outras palavras, observaremos como o hiperônimo constrói significações gerais e específicas (NUNES, 2006). Tomemos inicialmente as definições dos verbetes 1 e 4:

Verbete 1: Mulher fácil, vai para baladas a procura [*sic*] de todos os tipos de homens para pagar tudo para elas, pois sempre saem sem dinheiro. Geralmente, quase sempre transam na primeira noite.

Verbete 4: Piriguite é aquela mulher que tem um fogo muito alto, que toma o homem da amiga, e quanto mais homens pra ela melhor.

No verbete 1, temos “Mulher fácil, vai para baladas”. No verbete 4, temos “Piriguite é aquela mulher que tem um fogo muito alto”. Em ambos aparece a palavra “mulher”, que funciona como hiperônimo de “piriguite”. A partir desse hiperônimo, são construídas significações específicas sobre “piriguite”. No verbete 1, “piriguite” designa “mulher fácil”; no verbete 4, “piriguite” designa “mulher que tem um fogo muito alto”. Aqui, os efeitos de sentido são conotativos; lá, são denotativos. Do ponto de vista da gramática normativa, “mulher fácil” possui a função de predicativo do sujeito (“Piriguite é mulher fácil”); já “que tem um fogo muito alto”, é considerada oração subordinada substantiva predicativa.

Se quiséssemos transformar a estrutura do verbete 1 semelhante à estrutura do verbete 4, iniciariamos a definição com “Piriguite é aquela” e acrescentariamos “mulher fácil”; em seguida, acrescentariamos o pronome relativo “que” e a expressão “vai para baladas”. Com isso, teriamos “Piriguite é aquela mulher fácil que vai para baladas”. Por sua vez, no verbete 4, temos “Piriguite é aquela mulher que tem um fogo muito alto”. Neste,

“piriguete” designa “mulher que tem um fogo muito alto”; naquele, “piriguete” designa “mulher fácil que vai para baladas”. Portanto, falta-nos ainda um verbo de ação ao verbete 4.

Esse verbo de ação vem em seguida, com a expressão “que toma o homem da amiga”. Só então é possível entender porque, no verbete 4, a unidade lexical “piriguete” designa “mulher que tem um fogo muito alto”: “piriguete” designa a mulher “que toma o homem da amiga”. Como esse “fogo” é “muito alto”, “quanto mais homens pra ela melhor”. Tendo isso em consideração, é possível concluir que tanto o verbete 1 quanto o verbete 4 são construídos pela mesma estrutura, ou seja, sujeito, predicado nominal e predicado verbal. O sujeito é designado pelo predicado nominal, que é constituído a partir do predicado verbal.

Essa construção sintática encontra-se também em outros verbetes:

Verbete 9: Mulher fácil que paquera abertamente os homens, normalmente com o intuito de tirar alguma vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira.

Verbete 11: É uma puta mesmo, cachorra vadia, que gosta de aparecer, e ir pra balada só pra arrumar homem, que quer um homem pra ficar bancando tudo pra ela durante a noite algumas fodem logo de cara, outras tiram uma de patricinha, mas depois de algumas saídas cae [sic] na pica do mesmo jeito.

Verbete 18: Aquela moça é muito atirada, pois até no frio ela anda de roupa curta. Não pode ver um homem casado que já se acanha [sic]. Parece até que está no cio.

Verbete 47: Mulher fácil, que gosta de fazer espetos corridos com vários homens, catando-lhes o dinheiro.

Verbete 51: Garotas pobres que fazem sexo em troca de status, são atraídas pelo cheiro de gasolina. Adoram festas e se embriagam facilmente.

Verbete 52: Mulher linda e sensual que todos desejam mas poucos tem [sic] o prazer de conquistar. Eu curto muito as piriguetes e amo elas de paixão.

Verbete 54: Mulher bonita, inteligente, astuciosa, carismática que encanta a todos com sua belza [sic] e simpatia. Por isso desperta inveja das concorrentes.

No verbete 9, é por “paquerar abertamente os homens” que “piriguete” designa “mulher fácil”. No verbete 11, é por gostar de “aparecer” e de “ir pra balada só pra arrumar homem [...] pra ficar bancando tudo pra ela durante a noite” que “piriguete” designa “puta mesmo, cachorra vadia”. No verbete 18, é por andar “de roupa curta [até no frio]” que “piriguete” designa “[moça] muito atirada”. No verbete 44, é por gostar de “fazer espetos

corridos com vários homens”³⁸ que “piriguete” designa “mulher fácil”. No verbete 51, é por fazer “sexo em troca de status” e adorar festas que “piriguete” designa “garotas pobres”. No verbete 52, é por serem desejadas por “todos” e conquistadas por “poucos” que “piriguete” designa “mulher linda e sensual”. No verbete 54, é por encantar a “todos com sua belza [*sic*] e simpatia” que “piriguete” designa “mulher bonita”, “inteligente”³⁹, “astuciosa” e “carismática”.

Como bem diz Mazière (1989), a relação entre sintaxe e discurso ocorre na enunciação, que inscreve o sujeito numa posição. Nesse sentido, a forma sintática com que o lexicógrafo produz sua escrita esconde o seu assujeitamento, e isto acontece porque o trabalho do lexicógrafo, segundo Mazière (1989, p. 59), é feito por um discurso “muitas vezes percebido como transparente”.

Sendo assim, “piriguete” designa a mulher que ocupa a posição de sujeito de sua ação, por isso ela encabeça a posição de sujeito dos enunciados definidores. Em outras palavras, é por ocupar a posição de sujeito dos enunciados definidores que a mulher designada por “piriguete” é tomada como sujeito – portanto, como responsável – de sua ação. Dessa relação advém a injúria do discurso polêmico: “piriguete” designa a mulher que estaria fazendo o que deseja fazer, quando, de fato, ela designa a mulher vista como objeto de prazer sexual em uma sociedade na qual o homem está no centro das relações sócio-econômicas e culturais.

A título ilustrativo, retomemos os verbetes 9, 11, 47, 51 e 52. No verbete 52, temos “todos desejam mas poucos tem [*sic*] o prazer de conquistar [a piriguete]”; em seguida, encontramos “Eu curto as piriguetes e amo elas [*sic*] de paixão”. Por sua vez, nos verbetes 9, 11, 47 e 51 localizamos quem possui o “prazer de “conquistar” a mulher designada por “piriguete”: são os homens que possuem “vantagem, como carona, pagamento de contas ou ajuda financeira” (verbeta 9); são os homens que pagam “tudo pra elas durante a noite” (verbeta 11); enfim, são os homens que oferecem *status* em troca de sexo (verbeta 51).

³⁸ “Espetos corridos” é metonímia de “churrasco”. Portanto, os efeitos de sentido produzidos pelo enunciado “Mulher fácil, que gosta de fazer espetos corridos com vários homens, catando-lhes o dinheiro” seriam: “Piriguete gosta de churrasco, onde há vários homens para ela se aproveitar deles financeiramente”, “Piriguete não perde um churrasco com vários homens”, etc.

³⁹ Um dos efeitos de sentido produzidos por essa designação refere-se à subordinação de “inteligência” à “que encanta a todos com sua belza [*sic*] e simpatia”. Em outras palavras, a inteligência da piriguete se deve ao fato de ela ter conquistado a todos com sua beleza e simpatia. Segundo essa posição, se a mulher designada por “piriguete” não encantar a todos com sua beleza e simpatia, ela não é inteligente. Como se pode notar, a inteligência, para o locutor do verbete 54, é um atributo secundário na mulher, uma vez que beleza e simpatia estão em primeiro plano.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indivíduos são sempre-já sujeitos.

(Louis Althusser)

Ao analisarmos a unidade lexical “piriguite” em verbete do *Dicionário inFormal* produzidos entre 2007 e 2008, investigamos de que modo a relação do falante com a língua está representada nesse instrumento linguístico.

Vimos que o *Dicionário inFormal* não é tomado pelo falante como um produto normativo e pedagógico. Nele, o falante ocupa um “lugar antes destinado aos estudiosos da língua” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p. 263). Como mostramos, o falante ocupa a posição de falante-lexicógrafo (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014). Com isso, o *Dicionário inFormal* constitui um “espaço para uma escrita criativa e reflexiva, uma escrita autoral, que desloca sentidos sobre a língua, e sobre a leitura e a escrita do dicionário” (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p. 271).

Essa escrita criativa e reflexiva, por sua vez, é resultado do rompimento com a visão de língua consolidada e estável dos dicionários tradicionais. Ela está relacionada às práticas comunicacionais na internet, que “transforma as condições de comunicação, o que se considera gênero, e a própria noção de textualidade” (MAINGUENEAU, 2010, p. 132). No *Dicionário inFormal*, o texto lexicográfico encontra-se dentro da página eletrônica de um dicionário cuja textualidade “implica uma nova maneira de ler e a possibilidade de passar instantaneamente de uma ‘página’ para outra em um espaço aberto” (MAINGUENEAU, 2010, p. 137).

Como imagem e palavra estão lado a lado na internet, a natureza do *Dicionário inFormal* é icônica, ou seja, os verbetes da unidade lexical “piriguite” são vistos como “iconotextos” (MAINGUENEAU, 2010, p. 136). Dito de outra forma, o *Dicionário inFormal* integra textos, fotos e vídeos. Não obstante, ele é composto por “páginas numa tela de computador” (MAINGUENEAU, 2010, p. 136).

Em boa parte dos verbetes analisados, “piriguite” designa a mulher que, na sociedade, ocupa a posição de sujeito de sua ação. Sendo assim, ela estaria fazendo o que deseja fazer. Essa é a direção dada pelos interlocutores ao objeto do discurso, que sob injúrias é particularizado de acordo com as formações discursivas nas quais os sujeitos estão inscritos.

A análise mostrou ainda de que maneira o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Na maioria dos verbetes, “piriguete” designa a mulher vista como objeto de prazer sexual em uma sociedade na qual o homem está no centro das relações sócio-econômicas e culturais.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. (1970, 1974) *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa: Editorial Presença. (Biblioteca de Ciências Humanas).

AUROUX, S. (1992, 2009) *A revolução tecnológica da gramatização*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

BAKHTIN, M. (1929, 2009) *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec.

_____. (1979, 2010) *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

BECHARA, E. (2006, 2010) Filologia. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. *Introdução às Ciências da Linguagem: discurso e textualidade*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

BENVENISTE, E. (1966a, 2005) Os níveis da análise lingüística. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

_____. (1966b, 2005) Comunicação animal e linguagem humana. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

_____. (1974, 2006) O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

BERLINCK, R. A.; AUGUSTO, M. R. A.; SCHER, A. P. (2000, 2011) Sintaxe. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, vol. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez.

BORBA, F. S. (2002) *Dicionário de usos do português brasileiro*. São Paulo: Ática.

BRAIT, B. (Org.) (2005, 2010) *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto.

_____. (Org.) (2006, 2008) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.

BRANDÃO, H. H. N. (1991, 2004) *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

CORBERA MORI, A. (2000, 2011). Fonologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, vol. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez.

DIAS, L. F.; BEZERRA, M. A. (2006, 2010) Gramática e Dicionário. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.) *Introdução às Ciências da Linguagem: a palavra e a frase*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

ELIAS DE OLIVEIRA, S. (2014) O Dicionário inFormal e a relação do falante com a língua. *Revista da Anpoll*, nº 37, p. 262-272, Florianópolis, Jul./Dez.

FERREIRA, A. B. H. (2010) *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo.

FERREIRO, E. (2005) *Passado e presente dos verbos ler e escrever*. 2. ed. São Paulo: Cortez. (Coleção Questões da Nossa Época; 95).

FIORIN, J. L. (2002a, 2010) Teoria dos signos. In: _____. (Org.) *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 6. ed. revista e atualizada. São Paulo: Contexto.

_____. (2002b, 2010) A linguagem em uso. In: _____. (Org.) *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 6. ed. revista e atualizada. São Paulo: Contexto.

_____. (2006) *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática.

FOUCAULT, M. (1971, 1996) *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola.

GNERRE, M. (1985, 2009) *Linguagem, escrita e poder*. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Coleção linguagem).

GUIMARÃES, E. (1995, 2010) *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 4. ed. Campinas, SP: Editora RG.

_____. (2002, 2005) *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes.

_____. (2006, 2010) Semântica e Pragmática. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.) *Introdução às Ciências da Linguagem: a palavra e a frase*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

_____. (2011) Uma Hipótese sobre a Metáfora. In: RODRIGUES, E. A.; SANTOS, G. L. dos; CASTELLO BRANCO, L. K. A. (Orgs.). *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas, SP: Editora RG.

INDURSKY, F. (2006, 2010) O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.) *Introdução às Ciências da Linguagem: discurso e textualidade*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

JAKOBSON, R. (1967, 2010) *Linguística e Comunicação*. 22. ed. São Paulo: Cultrix.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. (1990, 2009) *A coerência textual*. 17. ed. São Paulo: Contexto.

KOCH, I. G. V. (1993, 2007) *A inter-ação pela linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto.

MAINGUENEAU, D. (2010) *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial. (Lingua[gem]; 41).

MARCUSCHI, A. L. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial. (Educação linguística; 2).

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. (2000, 2011) Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, vol. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez.

MUSSALIM, F. (2000, 2011) Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*, vol. 2. 7. ed. São Paulo: Cortez.

MAZIÈRE, F. (1989, 2008) O enunciado definidor: discurso e sintaxe. In: GUIMARÃES, E. (Org.) *História e Sentido na Linguagem*. 2. ed. aumentada. Campinas, SP: Editora RG.

NUNES, J. H. (2006, 2010) Lexicologia e Lexicografia. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.) *Introdução às Ciências da Linguagem: a palavra e a frase*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

ORLANDI, E. P. (1983, 2011) *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

_____. (1992, 2007) *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp.

_____. (1999, 2010) *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

_____. (2006, 2010) *Análise de Discurso*. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. *Introdução às Ciências da Linguagem: discurso e textualidade*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

PÊCHEUX, M. (1988, 2008) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores.

PIETROFORTE, A. V. (2002, 2010) A língua como objeto da linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.) *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 6. ed. revista e atualizada. São Paulo: Contexto.

POSSENTI, S. (2004, 2009) Teorias do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. 4. ed. São Paulo: Cortez.

TRAVAGLIA, L. C. (1995, 2006) *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 11. ed. São Paulo: Cortez.

SANDALO, F. (2000, 2011) Morfologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez.

SARDINHA, T. B. (2007) *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial. (Lingua[gem]; 24).

SAUSSURE, F. (1916, 2006) *Curso de Lingüística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix.

WEEDWOOD, B. (2002) *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial. (Na ponta da língua; 3).